

Torre Velha 3 (Serpa): um novo ponto no mapa da Idade do Ferro do Sudoeste

Susana Estrela¹, Catarina Costeira², Catarina Alves³, Eduardo Porfírio⁴ e Miguel Serra⁵

RESUMO

O sítio Torre Velha 3 foi intervencionado pela *Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural Lda.* no âmbito do projecto de *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural Decorrentes da Construção da Barragem da Laje (Serpa)*, da responsabilidade da *EDIA*.

Os trabalhos arqueológicos deram a conhecer um vasto e importante conjunto de realidades, num total de 589 estruturas detectadas, com uma ampla diacronia marcada por hiatos, desde o Calcolítico até à Antiguidade Tardia. Da I Idade do Ferro data um único contexto, devoluto, que, todavia, inscreve Torre Velha 3 no círculo dos locais sidéricos do actual território português, com a identificação, entre outros materiais, de um *pithos* e de uma fibula de dupla mola, objectos significativos para a

compreensão das vivências das comunidades do interior do Baixo Alentejo.

Os dados conhecidos para a I Idade do Ferro do Baixo Alentejo interior são muito desiguais e parcos, não obstante a quantidade de sítios conhecidos e minimamente intervencionados.

O sítio de Torre Velha 3, com o contexto secundário em que os materiais foram encontrados, uma extensa interface negativa, pouco acrescenta ao conhecimento dos padrões da cultura material (entenda-se, das realidades de construção) da I Idade do Ferro regional. De qualquer modo, a presença daquela peça cerâmica e daquela peça metálica sugere uma das mais antigas evidências da I Idade do Ferro no Baixo Alentejo interior.

1 - Arqueóloga. E-mail: estrela.susana@gmail.com

2 - Arqueóloga. E-mail: catarinacosteira@gmail.com

3 - Arqueóloga. E-mail: catarina4alves@gmail.com

4 - Arqueólogo: *Palimpsesto: Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda.* Apartado 4078. 3031-901, Coimbra, Portugal.
E-mail: geral@palimpsesto.pt

5 - Arqueólogo. *Palimpsesto: Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda.* Apartado 4078. 3031-901, Coimbra, Portugal.
E-mail: geral@palimpsesto.pt

ABSTRACT

Torre Velha 3 archaeological site, a joint-venture of Palimpsesto - Estudo e Preservação do Património Cultural Lda and the EDIA's project Minimização de Impactes sobre o Património Cultural Decorrentes da Construção da Barragem da Laje (Serpa), provided a wide and diachronic range of important contexts, a total of 589 identified structures, marked by time gaps, between Copper Age and Late-Roman times. One single archaeological context from Early Iron Age was identified, still, it's possible to place Torre Velha 3 in the Iron Age group of sites located in the Portuguese territory, due to the identification, among other artefacts, of a pithos and a double spring's fibula, significant items for the

understanding of daily experiences of these communities of the inner Baixo Alentejo.

The known data from Early Iron Age of the inner Baixo Alentejo region are very scarce and uneven, despite the number of acknowledged and excavated sites.

The secondary context in which the Torre Velha 3 artefacts were found, a wide negative interface, adds little knowledge of construction patterns to this Early Iron Age area. However, the presence of this particular kind of pottery and metal artefacts suggests one of the oldest evidence for the Early Iron Age in the inner Baixo Alentejo.

1. AS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS EM TORRE VELHA 3

O sítio arqueológico de Torre Velha 3 (Serpa) foi alvo de duas fases de trabalhos de minimização, no âmbito da construção da Barragem da Laje, a cargo da EDIA S.A. Na primeira fase, a escavação de 20 sondagens-diagnóstico, numa área total de 156 m², apontava para uma ocupação centrada no período tardo-romano, com um complexo de estruturas negativas funcionalmente muito específico e de apoio a um contexto habitacional, bem como ambientes funerários.

Uns e outros contextos necessitavam de definição e compreensão cronológica e funcional. Foi assim agendada a continuação da escavação, desta feita, em toda a área afectada pela construção da dita infraestrutura, iniciada em Dezembro de 2008 e terminada durante o mês de Abril de 2009. A escavação arqueológica de Torre Velha 3 foi adjudicada à empresa *Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural Lda.*, sendo que o prévio acompanhamento arqueológico e decapagem da área esteve a cargo da empresa *Empatia Lda*. A descrição dos diversos contextos antropológicos foi da responsabilidade da empresa *Styx Lda.* (Ferreira, 2009).

A área intervencionada na segunda fase, com 13.840 m², seria, assim, alvo da construção de uma barragem em aterro zonado, cuja execução iria provocar a submersão e a destruição total dos vestígios arqueológicos já identificados.

Os resultados traduziram-se num importante e vasto conjunto de realidades arqueológicas (V. fig. 1)

que abarcavam uma ampla diacronia. As interfaces negativas e positivas, num total de 589 estruturas detectadas, permitiram observar uma ocupação com hiatos, desde o Calcolítico até à Antiguidade Tardia. A ocupação calcolítica, apesar de reduzida em número de vestígios, mostrava a relevância dos contextos, alguns deles funerários (Alves et al., no prelo a). Da Idade do Bronze, a escavação permitiu a identificação de vestígios muito significativos, com importantes contextos habitacionais e funerários, dos quais destacamos um dos maiores complexos de hipogeus encontrados até à data na região baixo-alentejana (Alves et al., 2010). A cronologia tardo-antiga, patente no mais vasto acervo de realidades arqueológicas da região e do Sul de Portugal até ao momento, assinala o local como um importante núcleo habitacional e funerário (Alves et al., no prelo b).

Para a cronologia que agora damos à estampa, existe um único contexto, e, para mais, de deposição secundária. Apesar destas condicionantes, Torre Velha 3 inscreve-se no círculo dos locais da Idade do Ferro de onde são conhecidos dois dos mais expressivos artigos para a compreensão das vivências do quotidiano das comunidades do interior do Baixo Alentejo: um *pithos* e uma fíbula de dupla mola.

Todas as fases de ocupação de Torre Velha 3 vêm preencher algumas das lacunas apontadas e sentidas desde sempre no conhecimento daqueles períodos no Baixo Alentejo interior, autorizando, ao mesmo tempo, uma revisão dos dados até agora conhecidos e

TORRE VELHA 3 (SERPA): UM NOVO PONTO NO MAPA DA IDADE DO FERRO DO SUDOESTE

discutidos, não tanto pela quantidade dos sinais destas diferentes ocupações antigas, mas, sobretudo, pela

qualidade da informação que o sítio permitiu, em grande parte decorrente de um registo rigoroso e aturado.



Figura 1: Vista de uma parte da área de escavação de Torre Velha 3

2. LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Torre Velha 3 (V. fig. 2) situa-se no local epónimo, freguesia de S. Salvador, concelho de Serpa (a 10 km a Este desta cidade), distrito de Beja, a uma altitude

média de 180 metros, nas coordenadas geográficas: M-253962,711;P-111569,121 (Carta Militar de Portugal, escala 1/25000, nº 523).

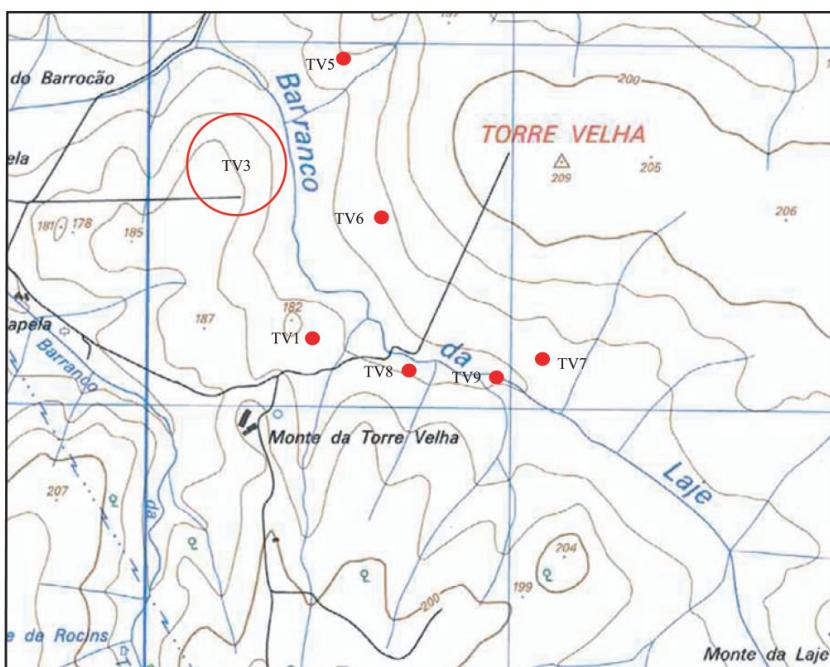


Figura 2: Localização de Torre Velha 3 (Carta Militar de Portugal nº 523, escala 1/25000)

Apesar de se situar numa propriedade com plantio intensivo de olival, o local sugere apenas ter sido utilizado como seara, entretanto transformada em baldio. A sua implantação, numa suave elevação, que se acentua pelos lados de Sul e Oeste, é característica da peneplanície alentejana que, nesta zona específica, possui relevos muito pouco acentuados, da ordem dos 200 metros de altura, em contraste com as zonas localizadas a Oeste e a Sudoeste de Beja (próximo a Santa Vitória), onde a aplanação é perfeita (Oliveira, 1989, p.11). A dita unidade geográfica apenas é interrompida, nesta zona, pelo vale encaixado do Rio Guadiana, por alguns dos seus afluentes como a Ribeira do Enxoé e pelos relevos residuais da Serra de Ficalho (AAVV, 2002, p. 87).

Em termos geológicos, Torre Velha 3 situa-se no maciço de Beja, mais concretamente na unidade conhecida como “Pórfiros de Baleizão”, unidade (sub) vulcânica ácida, pós-metamórfica, com afloramentos

avermelhados. Na zona imediatamente a Oeste do sítio dá-se a transição para uma outra unidade geológica do maciço de Beja, o complexo gabrodiorítico de Cuba, que aflora de um modo descontínuo (Oliveira, 1989, p. 29). A área intervencionada é definida pela confluência de granitos desagregados do paleozóico, essencialmente filões concentrados à cota mais elevada do relevo, predominando os carbonatos, cobertos por argilas aluvionares.

Nas proximidades deste sítio arqueológico localizam-se algumas linhas de água. O Barranco da Laje corre entre as elevações onde foram localizados os sítios de Torre Velha 5 e Torre Velha 3, e contorna este último pelos lados de Este e Norte. A cerca de 3 km a leste encontra-se o Barranco do Franco, curso de água que, em conjunto com o Barranco da Laje é subsidiário da Ribeira do Enxoé que, por sua vez, desagua no Rio Guadiana.

3. ENQUADRAMENTO ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO

O topónimo Torre Velha encontra-se referido em diversas publicações, no entanto, e apesar da potencialidade arqueológica que sugere, os dados utilizáveis para a elaboração de um quadro de síntese prévio são inexistentes. O sítio de Torre Velha 3 era cientificamente desconhecido, e todas as alusões aos vestígios da propriedade diziam respeito à *uilla* de Torre Velha 1.

As ocupações tardo-antigas e alto-medievais de Torre Velha ainda são de difícil interpretação (Alves et al., no prelo a), mas pode ser assumida alguma forma de continuidade funcional, dada a posterior sequência de proprietários da Quinta da Torre Velha, em Serpa. Esta serviu pelo menos periodicamente de residência, o que parece bem demonstrativo de uma densa ocupação do vale em época medieval.

Nas áreas de Serpa e Moura, é possível hoje em dia assistir a um polimorfismo de localizações e contextos do Bronze Final, que podem ser vistos em quatro grandes grupos: o grupo dos sítios da peneplanície da margem esquerda do Guadiana, com contextos habitacionais em sítios como Salsa 3 ou Santa Margarida, o grupo dos pequenos povoados fortificados (como é o caso da Quinta do Pantufo), o grupo dos povoados de altura aparentemente não fortificados (como são Serra Alta e Álamo) e o grupo dos grandes povoados amuralhados, como são os sítios de Passo Alto e de Azenha da Misericórdia (Antunes et al., no prelo; Soares, 2005, p. 137).

Na área de Beja, na peneplanície localizada na margem esquerda do Guadiana, a multiplicidade de situações pode ser observada no grande povoado fortificado do Outeiro do Circo (Serra et al., 2008) e nos contextos habitacionais de sítios onde foram identificadas em exclusivo estruturas negativas (por exemplo, em Pedreira de Trigaches 2) por vezes reutilizadas para enterramentos, como é o caso do sítio de Horta do Jacinto (Antunes et al., no prelo).

Da I Idade do Ferro, e meramente a título de exemplo, conhecemos hoje a recentemente escavada necrópole de Vinha das Caliças 4 (Barbosa, 2010, p. 4) que assegura esta cronologia na peneplanície da área de Beja, o mesmo sucedendo com a necrópole de Palhais (Santos et al., 2010), nas vizinhanças do Outeiro do Circo. No concelho de Ferreira do Alentejo, o sítio de Poço da Gontinha 1 revelou um complexo funerário (Figueiredo e Godinho, 2010, p. 7) e, de acordo com as informações constantes no *Endovelico*, o sítio de Horta do Lagarinho, já no concelho de Serpa, deu a conhecer estruturas negativas do tipo fossa. De uma delas saiu um recipiente de perfil em S, aparentemente da I Idade do Ferro, dada a associação com os vestígios encontrados à superfície, nomeadamente, um bordo de cerâmica com bandas pintadas a vermelho (<http://www.igespar.pt/>). Já o povoado do Passo Alto, fundado no Bronze Final, conhece também uma ocupação sidérica, datada dos sécs. VI e V a.C. (Soares et al., 2010).

4. A ESTRATIGRAFIA SIDÉRICA DE TORRE VELHA 3

A ocupação humana da I Idade do Ferro na área intervencionada circunscrevia-se a uma única mas extensa vala/depressão - [1946], aberta em preexistências funerárias da Idade do Bronze, os hipogeus [1947-1948] e [1949-1950], e colmatada pelo aterro [361].

Da sequência estratigráfica observada, importa destacar a identificação de fragmentos do mesmo *pithos* em oito u.e.s diferentes, apenas em alguns casos com relação física directa de sobreposição (v. figs. 3 e 4). Trata-se de uma estratigrafia relativamente complexa, dada a quantidade de sobreposições múltiplas e

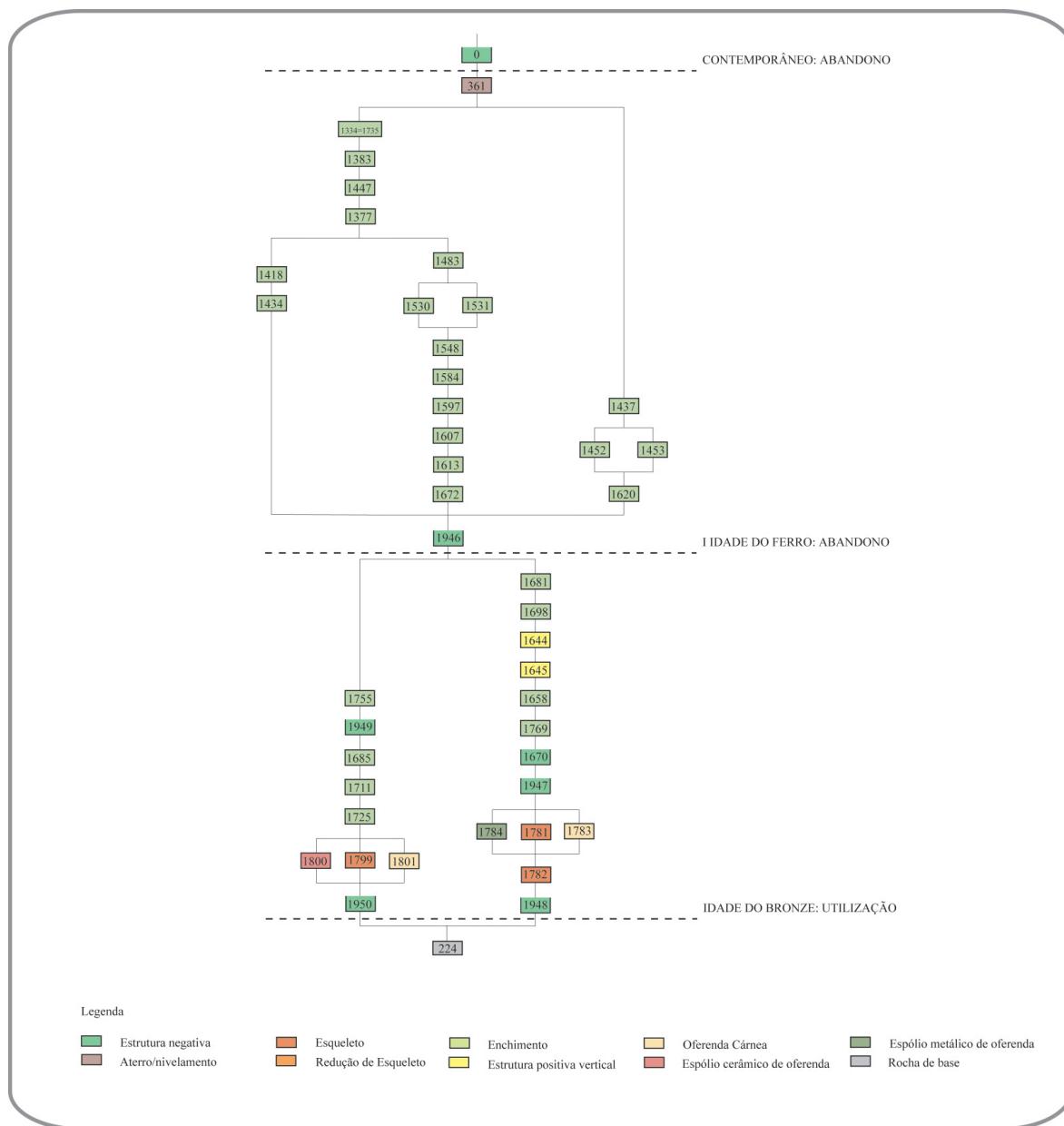


Figura 3: Diagrama estratigráfico das realidades da I Idade do Ferro e do Bronze Pleno a elas subjacentes de Torre Velha 3

horizontalmente coniventes.

A natureza dos depósitos sidéricos escavados remete-nos para contextos de aterro/abandono, existindo casos, ainda que raros, que sugerem uma funcionalidade do tipo área de fogo/lareira, dados os respectivos descritores físicos, mas que foram interpretados como

momentos sucessivos de sedimentos queimados trazidos de outro lado. A estratigrafia deste ponto do terreno de Torre Velha 3 deixa ainda observar, para lá destas presenças deposicionais rápidas, a ausência de unidades de momentos de construção e utilização primários.

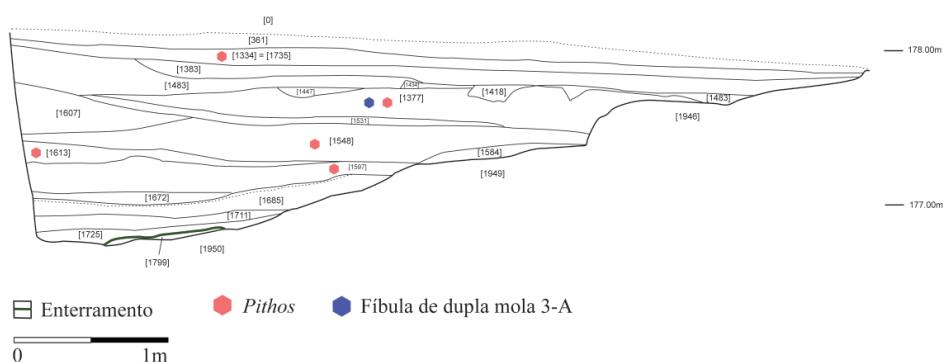


Figura 4: Perfil estratigráfico Nordeste-Sudoeste, com representação das u.e.s com presença de fragmentos do *pithos* e da fíbula de dupla mola de Torre Velha 3

Se procurássemos evidências do contrário, de estruturas ou de restos de estruturas de combustão, poderíamos apontar o facto de uma das u.e.s, [1620], se encontrar delimitada a Sul pela pedra de fecho [1644] do hipogeu [1947-1948], como se esta tivesse sido reutilizada enquanto estruturação de uma área de fogo/lareira.

Os resultados da escavação afastam a hipótese de estarmos perante um contexto funerário, mesmo que destruído. E para esta situação concorre a confrontação dos dados de Torre Velha 3 com os conhecimentos actuais sobre os rituais e arquitecturas das necrópoles sidéricas portuguesas e que podem ser sintetizados da seguinte forma.

Na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, apesar de todos os contratempos conhecidos (V. ponto 7.1., onde se explanam alguns deles) foi possível a Vergílio Correia estabelecer uma periodização, por sua vez reanalisa por A. M. Arruda (1999-2000, p. 81; Arruda, 2004, p. 259-262) e que passa por dois momentos parcialmente coincidentes no tempo (dos meados do séc. VII a.C. aos meados do século seguinte para o tipo 4 de Correia e entre os finais do séc. VII a.C. e os finais do século seguinte para o tipo 3). A incineração *in situ*, patente em ambos os momentos, conhecia diferentes nuances de deposição, com a construção, no momento mais antigo, de uma fossa

rectangular escavada na rocha e com depressão central e com espólio do qual cabe aqui destacar a presença de uma fíbula de dupla mola (como veremos adiante, do tipo 3-B de Ponte), e com a construção, no segundo momento, de uma fossa rectangular escavada no solo, com espólio em que figuravam, entre outros objectos, as fíbulas anulares.

Os momentos seguintes (tipos 2 e 1 de V. Correia), com incineração em *ustrinum* e deposição em urna, distinguiam-se quanto à arquitectura, com a urna depositada em fossa escavada no solo, até à rocha ou cortando-a e uma datação entre a segunda metade do séc. VI e a primeira metade do séc. V a.C. (tipo 2) e com a urna depositada em fossa escavada no solo e uma datação entre o último quartel do séc. V a.C. e a primeira metade do século seguinte (tipo 1) e demais materiais arqueológicos respectivos, com destaque para a cerâmica ática.

Conforme se pode avaliar dos resultados da escavação do contexto sidérico de Torre Velha 3, nada parece inscrever-se nestas possibilidades de ritual ou de construção.

Comparando com outras periodizações, desta vez estabelecidas para o Sul de Portugal, a proposta de V. H. Correia (1993, p. 360) organizada de acordo com critérios arquitectónicos e rituais, culminava numa periodização que colocava o ênfase na arquitectura e

da qual importa aqui destacar três dessas quatro fases desta periodização e, entre elas, a antiguidade da Fase I, do séc. VIII a.C. e em que os monumentos funerários tinham planta circular (como em parte da necrópole de Fernão Vaz ou no túmulo 1 de Chada). Seguia-se a Fase II (entre os finais do séc. VIII a.C. a meados do século seguinte), caracterizada por monumentos rectangulares de câmara sepulcral destacada, visível, por exemplo, no túmulo 3 da necrópole de Chada ou na necrópole de Favela Nova. A Fase III (séc. VII a finais do séc. VI a.C.) evidenciava-se pela existência de *tumuli* rectangulares cobrindo fossas.

Esta periodização foi alvo de muitas reavaliações de ordem cronológica, ritual e de espólio, de que destacamos as de J. Jiménez Ávila (2002-2003, por exemplo) e de A. M. Arruda (2001, 2004, etc.). Independentemente disto, importa aqui destacar, mais uma vez, a invisibilidade de qualquer uma destas arquitecturas ou rituais em Torre Velha 3, o mesmo podendo ser estendido à recentemente intervencionada necrópole de Palhais (Santos et al., 2010), coeva deste sítio.

Como poderia afirmar um qualquer especialista criminal, não existem coincidências. A presença de fragmentos do mesmo *pithos* numa sequência iniciada nestas u.e.s poderá ser indicadora de uma

intencionalidade no depósito de um recipiente de armazenagem e/ou funerário como este. A ser assim, os depósitos de enchimento das antecâmaras funerárias da Idade do Bronze poderiam ter sido reutilizados enquanto pisos de circulação associados a este depósito intencional, num quadro de reverência para com as preexistências, deixadas parcialmente visíveis, porque os enterramentos e os respectivos espólios se encontravam intactos, o mesmo sucedendo com a pedra de fecho, após o corte feito por indivíduos de um outro tempo.

Não deixa de ser curiosa, aliás, a ausência de vestígios materiais desta cronologia sidérica na restante área da intervenção arqueológica de Torre Velha 3, como se tivesse existido uma intenção em utilizar o cabeço, logo abandonada após a descoberta de memórias de outros tempos. Tudo isto, no entanto, se revela quase mais como um relato efabulado do que como a apresentação dos resultados da estratigrafia observada neste ponto do terreno de Torre Velha 3. Só uma análise mais aturada e afinada da estratigrafia, cruzada com o estudo do espólio, poderá fornecer informações cabais e correctas sobre aquilo que aqui sucedeu na I Idade do Ferro.

5. O ESPÓLIO CERÂMICO

O conjunto cerâmico identificado no aterro [361] e na grande vala/depressão que lhe subjaz [1946] é constituído maioritariamente por formas manuais, com 154 frequências, seguido pela produção a torno, com 89 ocorrências, e 4 possíveis produções a torno lento. Está agendado um estudo mais aturado destes materiais, pelo que as observações seguintes se encontram ainda num estado preliminar. De qualquer forma, podemos já avançar com algumas informações pertinentes.

As ocorrências da produção a torno correspondem, aparentemente todas, a uma única peça cerâmica, cuja remontagem carece de cuidados de restauro e conservação, imperativos para uma análise mais apurada. Todos estes fragmentos, a que se adiciona um fragmento manual de uma asa bífida, fazem parte de um *pithos*.

A produção manual divide-se entre formas de cozinha, armazenamento e mesa. Os potes e os potinhos têm maioritariamente bordos esvasados, mas surgem também bordos simples e algumas formas de

perfil em S com fundos planos, superfícies brunidas ou *cepilladas*, numa continuidade em relação às formas do Bronze Final. Um dos fragmentos apresenta um pé em bolacha, uma inovação da cronologia sidérica. Dois outros apresentam furos de suspensão nos bojos, tradição cerâmica bastante antiga, iniciada no Neolítico. Os motivos decorativos são simples, com linhas incisas no bojo, por vezes com incisões mais ou menos largas no bojo e no bordo, dando a este um aspecto denteado, e outros bojos apresentam triângulos incisos.

As taças apresentam bordos simples, paredes tendencialmente rectas e pouco curvadas, quebrando as carenas que caracterizavam as produções da Idade do Bronze. Apareceram dois cossoiros troncocónicos e uma possível queijeira (ou coador), muito fragmentada, e que aparenta possuir um bordo recto, convergente com o fundo ligeiramente côncavo. O elemento mais seguro é o das paredes, rectas e toscas, com inúmeras perfurações que nem sempre ultrapassam a secção.

As características da cerâmica manual identificada

neste contexto da Idade do Ferro sugerem, por um lado, um conservadorismo das comunidades humanas do Baixo Alentejo interior, mantendo os padrões artefactuais de períodos anteriores. Por outro lado, apontam precisamente o oposto, com inovações formais como os pés *em bolacha* que se associam a formas das quais estão ausentes os ornatos brunidos ou as peças carenadas. Estas inovações poderão, eventualmente, estar relacionadas com a associação a peças exógenas, como o *pithos*, ou, ao invés, reflectirem um caminho paralelo e endógeno de inovações formais, não directamente relacionado com o aparecimento daquele artigo cerâmico.

Na produção a torno, a exclusividade vai para o já referido *pithos*. Trata-se de um recipiente usado maioritariamente para armazenagem, embora possa também ter sido usado em contextos fúnebres, como contentor das cinzas resultantes das cremações ou das incinerações.

O exemplar de Torre Velha 3 (v. fig. 5) possui um bordo exvertido, lábio triangular e, pelo menos, uma asa bífida conservada, que arranca do bordo. O bordo é separado do colo bitroncocónico através de uma moldura. O perfil conservado da peça sugere um corpo cônico ou piriforme com paredes bastante côncavas. A superfície externa é pintada em bandas e linhas horizontais alternantes de pintura bícroma (negro e vermelho).

A peça possui uma pasta dura e compacta, bem depurada e de tonalidade alaranjada, semelhante aos exemplares da Alcáçova de Santarém, de acordo com a análise que A. M. Arruda, gentil e prontamente, fez da peça de Torre Velha 3.

De todos os exemplares portugueses publicados, aquele que tem morfológicamente maior afinidade com o exemplar de Torre Velha 3 é um proveniente da Alcáçova de Santarém (Arruda, 1999-2000, fig.128 p.194), integrado nos níveis médios da ocupação da Idade do Ferro, datados entre a segunda metade do séc. VII e os finais do séc. VI a.C (*Idem, ibidem*, p. 192). Assemelha-se em termos de forma e perfil do bordo e no número de asas mas possui um colo mais alto que aquele exemplar escalabitano. Por outro lado, estas características do colo são mais coincidentes com um outro *pithos* de Santarém, dos mesmos níveis arqueológicos, que ainda assim se distingue por possuir quatro asas (Arruda, 1999-2000, fig. 127, p. 194). Outro exemplar, desta feita procedente dos níveis inferiores de Castro Marim, datado de meados do séc. VII a.C., mostra um colo semelhante

ao do exemplar de Torre Velha 3 mas um perfil do bordo mais arredondado (Arruda, 2005 a, fig. 13, nº 3, p. 291 e p. 289).

Os descriptores da peça de Torre Velha 3, ainda de certo modo vagos (até porque se necessitaria de uma reconstituição através do restauro dos seus inúmeros fragmentos) apontam para a segunda metade do séc. VII a.C., de acordo com a análise de A. M. Arruda e com as nossas, depois de observados os materiais publicados de Santarém e de Castro Marim.

Estes recipientes são vistos como um dos muitos artefactos associados à presença fenícia no ocidente, surgindo sempre em quantidades elevadas nos sítios estuarinos frequentados por populações de origem mediterrânea (Arruda, 2003, p. 79). Aportaram inicialmente às costas de Málaga, desde os meados do séc. VIII a.C., espalhando-se depois pelo ocidente, chegando à baía gaditana e ao litoral algarvio a partir do séc. VII a.C.

A decoração patente nas peças é encarada por alguns investigadores como um sinal de que não seriam valorizadas apenas pela sua funcionalidade, e que esta faria sentido que fosse a armazenagem de vinho (Albuquerque, 2005, p. 925). A preferência pelas cores vermelha e preta poderia acarretar um sentido relacionado com um ciclo agrícola, “ (...) em que se verifica uma relação entre vida, morte e regeneração (...)” (*Idem, ibidem*, p. 927). As fontes literárias promovem profusas ilustrações sobre o tema (*Idem, ibidem*, p. 925) mas haveria que procurar fazer análises de conteúdo destas peças, situação que não é ainda conhecida, em todo o Sudoeste peninsular.

No actual território português, podemos presumir que a produção vinícola estivesse divulgada, apesar de não encontrarmos os sinais no registo arqueológico (Arruda e Gonçalves, 1995, p. 25). Recentes estudos arqueobotânicos feitos sobre contextos da Idade do Ferro de Castro Marim não trouxeram ainda as tão necessárias provas, desconhecendo-se se as grainhas de uvas identificadas no local correspondiam a vinha domesticada ou a uma exploração de vinha selvagem (Queiroz et al., 2006, p. 20).

Independentemente disto, os *pithoi* conhecidos até ao momento em Portugal reportam-se maioritariamente a contextos habitacionais, sendo de considerar o seu uso enquanto recipientes de armazenagem. Para já, e meramente a título de exemplo, são conhecidos *pithoi* em Alcácer do Sal e em Abul A, datados do último quartel do

séc. VII/inícios do séc. VI e do segundo quartel/meados do séc. VII a.C., respectivamente (Mayet e Silva, 2000, p. 39-41, p 72-73). Em Lisboa surgiram desde o séc. VII a.C. (Vilaça e Arruda, 2004, p. 34).

Em território andaluz e em contextos domésticos, foram identificados em Chorreras (séc. VIII a.C.), Castillo de Doña Blanca e Cerro del Villar (séc. VII a.C.). Neste último local identificaram-se os respectivos fornos de produção, datados do séc. VI a.C. (Lavado, 1999, p. 128-136). Em Carmona, os *pithoi* com decoração figurativa identificados num espaço interpretado como santuário, foram encarados como a representação de divindades tutelares de determinados rituais (Belén et al., 1997; Belén et al., 2004: 149-170; Albuquerque, 2005, p. 922).

O mapa elaborado para mostrar a posição dos *pithoi* no Sudoeste da Península Ibérica mostra as cronologias e os diferentes contextos da sua identificação. O Quadro complementa esta informação cartográfica (V. fig. 7). A informação decorrente de um e de outro será analisada e avaliada adiante (V. ponto 7).

O contexto devolto quase nada acrescenta ao conhecimento dos padrões da cultura material da Idade do Ferro regional, um pouco em contraponto ao que se tem verificado no Alentejo Central (Calado et al., 2007, por exemplo).

De qualquer modo, a sua presença, associada à identificação de um fragmento de uma fíbula de dupla mola sugere uma das mais antigas evidências da Idade do Ferro no Baixo Alentejo interior.

6. O ESPÓLIO METÁLICO

O espólio metálico da Idade do Ferro de Torre Velha 3 é, curiosamente, todo ele, numa liga de cobre, estando de todo ausente qualquer fragmento do metal que dê nome a este intervalo temporal. É, para além disso, extremamente escasso, apenas com três fragmentos de três peças distintas: uma provável fivela, uma presumível lâmina e parte de uma fíbula de dupla mola. Se os dois primeiros fragmentos são de difícil caracterização formal, o terceiro, para além de contribuir com uma tipologia daqueles artefactos metálicos, aponta, juntamente com o *pithos*, para uma cronologia posterior à segunda metade do séc. VII a.C. para os enchimentos daquela estrutura negativa.

Para a classificação da fíbula de dupla mola de Torre Velha 3 seguimos os preceitos tipológicos estabelecidos por S. da Ponte (2006). A fíbula de dupla mola identificada

neste contexto sidérico é do subtipo Ponte 3-A (V. fig. 5), caracterizada por possuir um arco filiforme simples, de secção circular, pé recto, descanso curto ou alongado e fusilhão com pouca curvatura e uma mola com seis a oito espiras (Ponte, 2006, p. 106). Conhece uma cronologia dilatada, entre os finais do séc. IX – inícios do séc. VIII a.C. e todo o séc. VII a.C. (Ponte, 2006, p. 98). O subtipo Ponte 3-B distingue-se por possuir um arco filiforme maciço, de secção circular ou rectangular, um fusilhão com curvatura acentuada e uma mola dupla ou molas unilaterais com enrolamento regular de três a cinco espiras, sendo que as mais antigas podem ter entre cinco e quatro espiras, possuindo raramente seis (Ponte, 2006, p. 106). A cronologia é ligeiramente posterior, de entre os sécs. VII-VI a.C. (Ponte, 2006, p. 98).

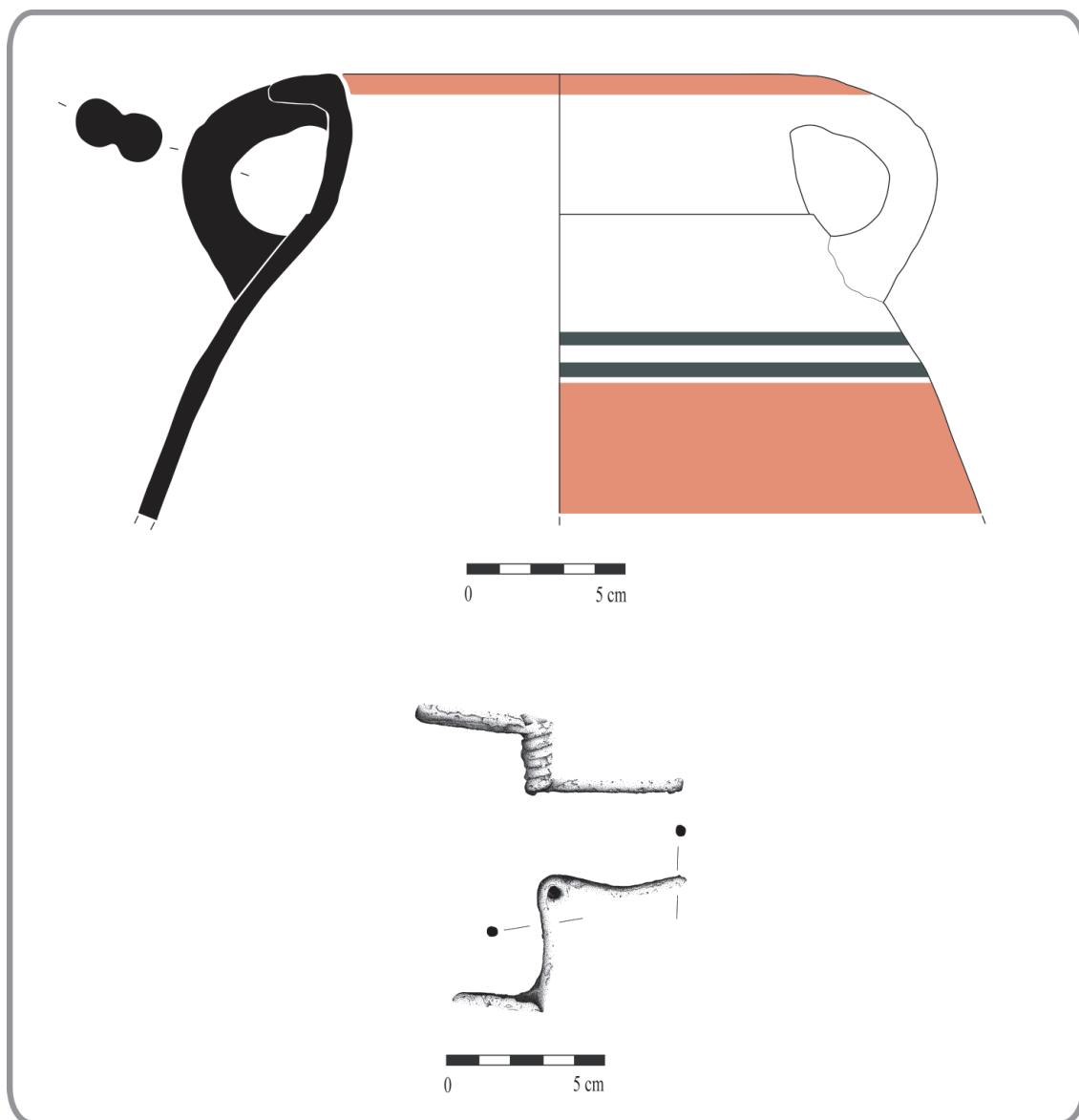


Figura 5: *Pithos* e fibula de dupla mola de Torre Velha 3

Procurando analogias entre as diversas tipologias, a fibula 3-A de Ponte presente em Torre Velha 3 é de alguma forma semelhante à fibula 3-A de Argente Oliver – com arco e molas de secção circular, pé recto e curto (Argente Oliver, 1994, p. 51-58), e equipara-se ao tipo A-I de Storch Gracia y Asensio – fibula de forja e com arco filiforme (Storch Gracia y Asensio, 1989, p. 162) e ao subtipo IA-1a de Ruiz Delgado – fibula com mola de secção circular, arco simples e filiforme, com pé de descanso curto ou largo, ou seja, com ou sem enrolamento final em T no fim do descanso alargado (Ruiz Delgado, 1989, p. 94).

No Sudoeste peninsular, e a título de exemplo, a fibula de dupla mola do subtipo 3-A de Ponte surge, no actual território português, em Corôa do Frade, Arraiolos e Cabeça de Vaiamonte (no Alentejo Central), na Quinta do Marcelo e na Quinta do Almaraz (na Península de Lisboa), e, no Baixo Alentejo, para além de Torre Velha 3, conta com mais três exemplares no Castro dos

Ratinhos (na margem esquerda do Médio Guadiana). Todos estes exemplares foram identificados em contextos habitacionais, panorama bastante distinto daquele que é possível observar em território actualmente espanhol, onde aparecem também em contextos funerários como os de, por exemplo, Las Cumbres (Cádis), Cruz del Negro e Setefilla (no Baixo Guadalquivir), Trayamar e Cortijo de las Sombras (na costa de Málaga), Medellín e Aljucén (na Baixa Extremadura).

Sobre a fibula de dupla mola do subtipo 3-B, e no que diz respeito ao espaço hoje português, observa-se, curiosamente, a sua presença em contextos quase exclusivamente funerários, como são os casos das necrópoles de Torre de Palma (no Alentejo Central) e do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal (no estuário do Sado), situação que contrasta com o que se passa do lado da actual fronteira, com o subtipo a surgir, unicamente e até agora, em contextos habitacionais, como

em El Carambolo (no Baixo Guadalquivir) e Cerro de los Infantes (na Alta Andaluzia oriental). Regressando ao actual território nacional, a excepção constitui o achado de uma fibula deste subtipo no Casal de Vila Chã Norte (Amadora), decorrente de prospecções que fizeram caracterizar o sítio como um habitat (Miranda et al., 1999, p. 24-26).

Remetemos a informação sobre outros exemplares destes subtipos para o mapa que elaborámos para mostrar a relevância da localização e da datação destes objectos no Sudoeste da Península Ibérica (V. fig. 6) bem como para o Quadro e para o ponto seguinte (V. ponto 7).

Chamamos desde já a atenção para a cronologia das fibulas de dupla mola 3-A no território actualmente português, que não estará totalmente resolvida, já que é correspondida algumas vezes a contextos do Bronze Final, como nos sítios do Alentejo Central e mesmo nos sítios da margem Sul do Tejo. Apenas os exemplares baixo-alentejanos são integrados em cronologias coevas dos primeiros contactos comerciais com a área gaditana afecta à presença oriental: na Fase 1-a do Castro dos Ratinhos, da segunda metade do séc. VIII a.C., onde é classificada de acordo com a tipologia de Ruiz Delgado (1989, p. 94) como sendo do tipo la1 - fibula de dupla mola com arco simples filiforme (Berrocal-Rangel e Silva, 2010, p. 304) e dentro de uma fase plenamente integrada no comércio com aquela área andaluza, durante a segunda metade do século seguinte, em Torre Velha 3.

A premência desta observação está relacionada com o facto de este tipo de fibula ser considerado como “(...) uma das formas da I Idade do Ferro mais conhecida e difundida na Península Ibérica” (Ponte, 2006, p. 96), ou um dos indicadores do arranque desta cronologia, nas palavras de outros investigadores (Torres Ortiz, 2002, p. 196) causando alguma perplexidade a sua anterioridade naqueles sítios do Alentejo Central, já que, e com a sua posição interior, documentam uma “(...) precoce integração deste adereço e do tipo de indumentária associada (...)” (Mataloto et al., 2008, p. 294).

Mais interrogações se colocam se observarmos o que os estudiosos têm vindo a opinar sobre a sua origem e difusão. Em trabalho académico recente, J. Miguez proporcionou uma síntese das diversas teorias em torno deste assunto (Miguez, 2010). Baseando-nos neste trabalho, a sinopse que se poderá fazer será a seguinte: o panorama actual permite admitir uma origem autóctone para esta fibula, em concreto, na Andaluzia, durante o séc. VIII a.C. (Ponte, 2006, p. 107) por sua vez inspirada em modelos sicilianos (Ruiz Delgado, 1989, p. 113; Ponte, 2006, p. 109). Tal observação é de considerar para o actual território português, se atendermos ao que a investigadora portuguesa admitiu sobre a datação por si proposta para as fibulas da Estremadura: “Rectificamos aqui a cronologia por nós atribuída há alguns anos (...) que

deverão situar-se entre o séc. VIII a.C e os inícios do séc. VII a.C.” (Ponte, 2006, p. 107). Como veremos, outros sítios portugueses foram também alvo de reapreciação cronológica por parte desta investigadora, em concreto, os sítios do Alentejo Central.

Outras teorias podem dar novas achegas a este tema. À luz da revisão cronológica dos dados da necrópole de Setefilla (que se abordam mais à frente, no ponto 7.2.), J. Jiménez Ávila considera que estas fibulas “(...) eran un bien relativamente extendido en la sociedad tartésica en un momento en que aún no habían empezado a generalizarse en su seno la circulación de objetos coloniales (...) eran confeccionadas en centros indígenas que recogen la tradición de una metalurgia que atraviesa un pronunciado proceso de transformación adecuado a una situación social y tecnológica nueva determinada, en su medida, por el creciente uso del hierro. Su destino final es, igualmente, la sociedad indígena siendo poco frecuente su presencia en los yacimientos fenicios (...)” (Jiménez Ávila, 2002, p. 312). Cabe aqui sublinhar esta última observação, quando falamos de um artefacto de algum modo sempre associado ao comércio fenício.

Observações semelhantes são as feitas por J. A. Martín Ruiz (2004, p. 120) quando chama a atenção para a escassez destes objectos, situação que estará relacionada com os hábitos de vestuário, do tipo túnica, que não necessitavam deste tipo de adereço.

O mapa que elaborámos mostra esta origem mais antiga na Andaluzia e J. Miguez, em concordância com os dados apresentados por outros investigadores, defende cronologias mais recentes para o aparecimento desta fibula na Meseta (Miguez, 2010, p. 50), que surge nos finais do séc. VII a.C. – inícios do séc. VI a.C. (Argente Oliver, 1994, p. 57). Entre uma e outra zona, a Extremadura revela ser a zona de passagem desta e de outro tipo de influências mediterrâneas (Martín Bravo, 1999, p. 110). O Sul português seria então a área onde esta fibula teria conhecido uma mais rápida difusão, dada a proximidade geográfica com a Andaluzia e a existência de contactos comerciais desde tempos antigos da Idade do Ferro.

Analisando a distinção estabelecida nos dois subtipos presentes no Sul de Portugal, verifica-se a localização mais forte no litoral do subtipo 3-B, ligeiramente posterior ao 3-A que tem aparecido em maior quantidade em locais do interior, corroborando a tese da chegada deste objecto através do Sul e Este, de que não pode ser alheado o Rio Guadiana.

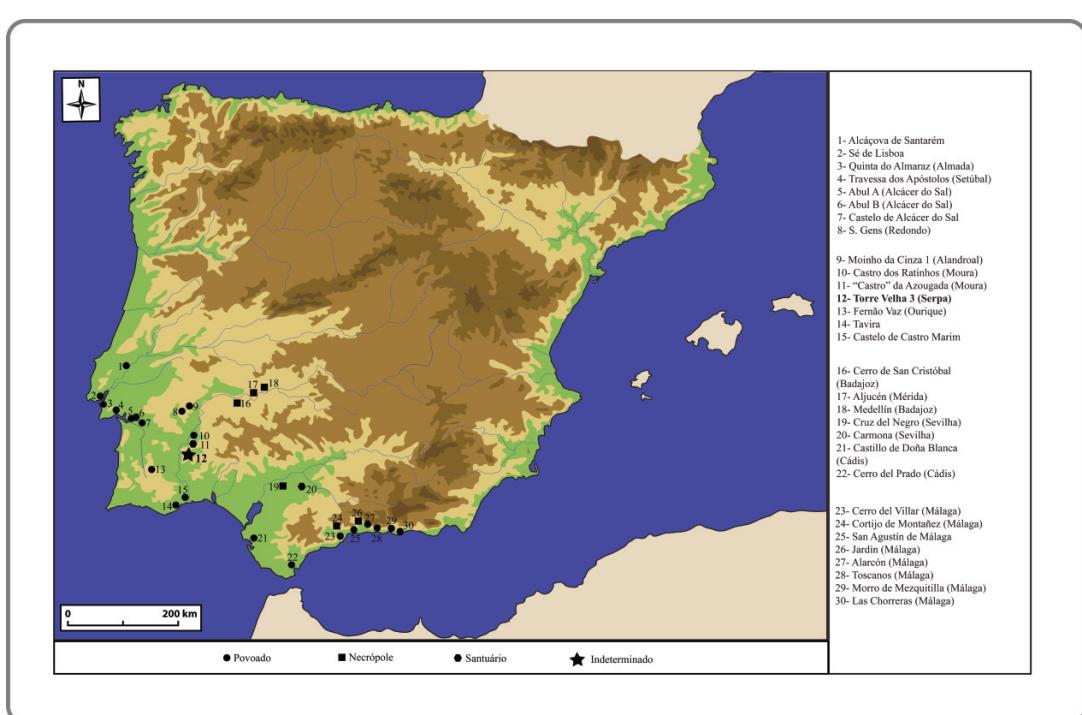
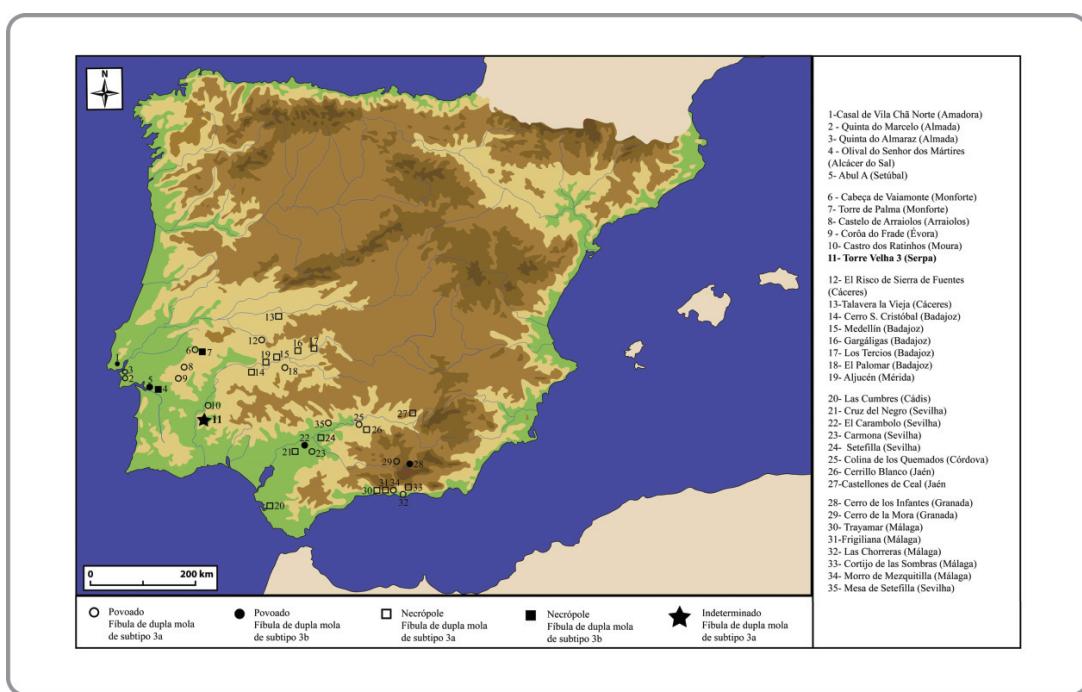
Para mais, a relativa rapidez que se observa na alteração do modelo básico (3-A) naquilo que se tornou a fibula 3-B é demonstrativa, pensamos, de uma igual e relativamente célere alteração ao protótipo, novamente desde o foco

de origem, naquilo que J. Miguez encarou como “(...) um exemplo clássico de como uma fibula pode evoluir, complexificando a sua morfologia e adicionando alguns detalhes (...)” (Miguez, 2010, p. 51).

Demonstrada assim a relativa dicotomia entre a localização litoral e interior de um e de outro subtipo de fibula de dupla mola, ganha ainda mais consideração para a discussão sobre a origem e difusão deste objecto, se atendermos ao facto de os “(...) ambientes culturais ‘orientalizantes’, tanto no interior (...) como no litoral, aqueles que teriam potencialmente funcionado como

centros “redistribuidores” para os núcleos indígenas, onde surgem atribuídas a um Bronze Final (...)” (Fabião, 1998, vol. I, p. 180) se colocarem não à margem da presença mais antiga desta fibula mas enquadrados, desde os últimos momentos da Idade do Bronze, numa vasta rede de contactos comerciais, em conjunto e não como precursores, da entrada dos artigos exógenos, no interior.

Esta questão, no entanto, revela ser mais um ponto na discussão sobre os dados, como de seguida explanaremos.



7. DISCUSSÃO DOS DADOS

Os artefactos que agora damos a conhecer envolvem toda uma série de questões que procurámos resolver, do melhor modo e o mais exaustivamente possível. Essas questões prendem-se com a localização geográfica, a cronologia e os modos de chegada destes artefactos exógenos a um local do interior baixo-alentejano, procurando sempre a sua necessária integração no espaço e no tempo da sua ocupação.

Queremos deixar aqui exposta, desde já, a opinião do perigo que constitui precisamente a composição deste tipo de informação, sobretudo a meramente cartográfica, quando é elaborada simplesmente em critérios que respondam à questão da localização, sem atender à cronologia e aos contextos. A situação torna-se particularmente sensível quando os conhecimentos sobre alguns dos sítios portugueses se reportam a intervenções minimalistas, no sentido da ausência de publicações pormenorizadas ou onde se verifica a omissão ou imprecisão de informação respeitante à associação e à posição estratigráfica dos materiais.

Perante informações precárias, a tentação de elaborar conclusões sábias é grande, visto todo um manancial de possibilidades que se adivinha. Como resolver este dilema? Pela enunciação dos dados disponíveis e respectiva discussão, como forma de colmatar a impossibilidade de responder cabalmente a questões decorrentes de informação insuficiente porque descontextualizada.

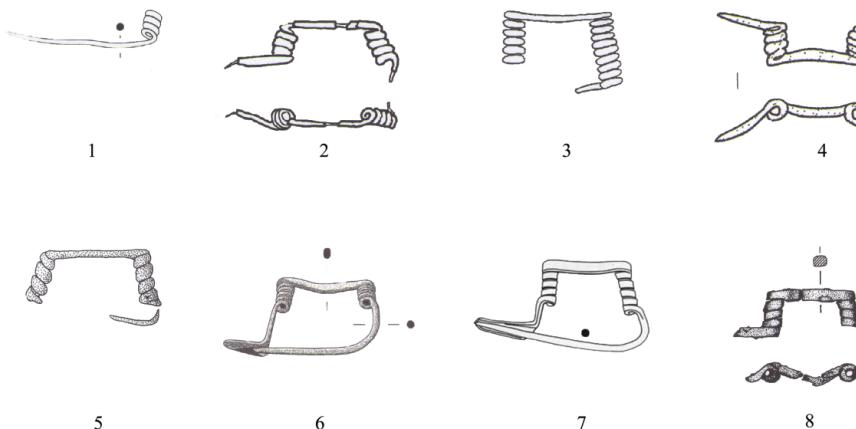
Por outro lado, poder-se-ia questionar a validade de mapear os *pithoi* do Sudoeste peninsular, já que parece tratar-se de um recipiente bastante generalizado, que surge “(...) en la totalidad de los asentamientos orientalizantes del sur peninsular, de Portugal e del área levantina de la Península Ibérica, vinculándose tanto a las actividades comerciales fenicias como tartésicas” (Torres Ortiz, 2002, p. 150). A questão é pertinente, mas, conforme se poderá ver adiante, a elaboração do mapa que apresentamos obedece a uma série de

critérios, estabelecidos desde o início, algumas vezes reformulados e alterados, em parte na sequência das contingências atrás expostas.

Na busca de respostas, incidiremos com maior ênfase nos dados dos sítios portugueses, não esquecendo as informações que do outro lado da actual fronteira ajudam a destrinçar as áreas de origem, difusão ou concentração dos dois de artefacto que são o tema do presente trabalho. Como veremos adiante, estes dados demonstram ser particularmente relevantes sobre a cronologia, origem e difusão da fíbula de dupla mola. Pelo contrário, este género de questões, quando incidem sobre os recipientes cerâmicos do tipo *pithos*, são mais claros e consensuais no seio da comunidade científica (V. figs. 6 e 7).

Assim sendo, alguns pontos merecem ser desde já esclarecidos. Para a composição dos mapas foram tidos em conta os dados publicados no espaço do Sudoeste peninsular que dessem provas de uma cronologia coeva ou anterior à dos achados de Torre Velha 3. Todavia, incluíram-se outros dados, relacionados com a presença destes objectos em contextos e cronologias posteriores foram considerados, e assim se explica a inclusão dos sítios de Azougada, Abul B e Fernão Vaz no que diz respeito à presença de *pithoi*.

Foram ainda equacionados os aspectos relacionados com o contexto dos achados (habitacional, funerário ou ritual). Na busca destas informações, deparámo-nos com a necessidade de mostrar, sobretudo no que às fíbulas de dupla mola diz respeito, a posição e a cronologia das fíbulas do subtipo 3-B, porque a cronologia, como vimos, é parcialmente muito aproximada à da fíbula 3-A. Este último tipo de fíbula, por seu lado, incitava questões de pendor cronológico, já que nos sítios do Alentejo Central onde foi identificada, se reportava a contextos do Bronze Final, o que nos conduziu a avaliar a natureza e datação dos restantes materiais arqueológicos a ela associados nestes sítios e a ilustrá-las (V. fig. 8).



- 1: Cabeça de Vaiamonte
- 2: Corôa do Frade
- 3: Quinta do Marcelo
- 4: Castro dos Ratinhos
- 5: Casal de Vila Chã Norte
- 6: Torre de Palma
- 7: Olival do Senhor dos Mártires
- 8: Abul A

NOTA:

Estão omissos os exemplares de Quinta do Almaraz e do Castelo de Arraiolos, por não se conhecerem as suas publicações.
Escalas uniformizadas

Figura 8: Fíbulas de dupla mola dos subtipos 3-A (nºs 1 a 4) e 3-B (nºs 5 a 8) no actual território português

Por outro lado, na composição do mapa dos *pithoi* presentes no Sudoeste peninsular, a afinidade morfológica e de pastas entre o exemplar de Torre Velha 3 e os recipientes de Santarém levaram-nos à inclusão deste sítio, que de algum modo se distancia deste espaço geográfico. Regressando às fíbulas de dupla mola, a presença de exemplares dos subtipos 3-A de Ponte em Torres Vedras (Monte da Pena), Cadaval (Castro de Pragança) e Rio Maior (Alto das Bocas) e do subtipo 3-B em Alpiarça (Barreiro do Tojal), de algum modo relacionados com a esfera do povoado escalabitano, foram desconsiderados na nossa análise, depois de observada alguma dificuldade relativamente à classificação dos seus contextos. E a sua posição geográfica, já distanciada do espaço que promove a discussão deste encontro científico, o

Sudoeste peninsular que, no actual território português corresponde a toda a porção a Sul do Tejo (mas que inclui, obrigatoriamente, a península de Lisboa) acaba por ser o factor determinante para a sua escusa e retirada desta problemática.

O resultado, como veremos, ajuda a deslindar algumas questões mas acarreta outras, conforme se pode verificar da observação dos mapas e da informação constante no Quadro e que passamos a sintetizar e a discutir. Torre Velha 3, não permitindo clarificar o contexto destes achados, porque deu a conhecer deposições secundárias, devolutas, pode ajudar a responder a questões sobre os modos de chegada destes objectos, e ajuda certamente quando se observa o demais panorama dos dados.

7.1. OS MATERIAIS, OS SÍTIOS E AS CRONOLOGIAS

Sobre a localização e cronologia das fíbulas de dupla mola do tipo 3-A no espaço a Sul do Tejo e na área correspondente ao actual território português, observamos a presença deste objecto em cronologias atribuídas ao Bronze Final nos sítios da margem Sul daquele rio e nos povoados fortificados do Alentejo Central. Os sítios baixo-alentejanos foram adscritos cronologicamente à Idade do Ferro, com maior ou menor antiguidade.

Desde já se vislumbra a questão da cronologia destes contextos. Para os sítios de Quinta do Marcelo e Quinta do Almaraz, as datações pelo radiocarbono permitiram aquela integração cronológica, no quadro das primeiras manifestações orientalizantes (Barros e Soares, 2004, p. 344) associadas a novos hábitos de vestuário, tipicamente mediterrâneos (Arruda, 2008 b, p. 360) em sítios vistos como tendo alguma centralidade na antiguidade da presença oriental no actual território português, como é o caso do povoado fortificado da Quinta do Almaraz, de onde o respectivo fosso forneceu amostras para as datações. A Quinta do Marcelo, por seu turno, aparenta ser um acampamento, de onde a escavação de uma fossa de detritos permitiu a identificação de uma fíbula de dupla mola deste subtipo, em associação com facas de ferro e uma fíbula de arco multi-curvilíneo (tipo 1 de Ponte) e a amostra para a datação pelo C14 (Arruda, 2008 b, p. 360).

Em ambos os casos, as fíbulas de dupla mola saíram do interior de estruturas negativas, à semelhança do exemplar de Torre Velha 3, o que dá algum significado, pensamos, no momento de avaliar datações provenientes de contextos devolutos.

A fíbula de dupla mola de Almaraz nunca foi publicada, mas a datação pelo C14 e o restante espólio cerâmico com ela associado foram considerados como sendo do séc. VIII a.C., num fosso preenchido de forma rápida (Barros e Soares, 2004, p. 340) e, portanto, concordantes com aquele subtipo da tipologia de S. da Ponte. Porém, as amostras serão preexistentes a esse enchimento e algumas delas são datáveis do último quartel do séc. IX a.C. ou da transição deste século para o VIII a.C. (*Idem, ibidem*, p. 350).

Parece assim impossível fazer uma associação entre os materiais e as amostras usadas para as datações e, tal como já defendido antes, a grande maioria do material indica uma cronologia que “(...) dificilmente recua para

trás dos meados/finais do séc. VII a.C., ainda que as ânforas R1 (...) permitam pensar que as primeiras ocupações sidéricas (...) datem ainda do séc. VIII, concretamente da segunda metade (...)” (Arruda, 2005 b, p. 31). Existe ainda a indicação sumária da existência de dois tipos de fíbula neste local, com origens também distintas, uma forânea e outra local, de acordo com as técnicas metalúrgicas que apresentam (Arruda, 2005 a, p. 297).

A presença devoluta de *pithoi* no Almaraz corresponde, em conjunto com as ânforas, a 4% dos materiais recolhidos e foram identificados numa fossa de acumulação de detritos, datada pelos materiais, e de acordo com a primeira publicação sobre o sítio, do séc. VIII a.C. (Barros et al., 1993, p.155 e p. 151) mas cuja datação pelo radiocarbono aponta para a segunda metade do séc. IX a.C. (Barros e Soares, 2004, p. 344). Mais uma vez se vê a dificuldade em associar os materiais e as amostras usadas para as datações e, sobretudo, parece ser impossível desligar estes materiais da sua associação às cerâmicas de engobe vermelho que são datadas por A. M. Arruda da segunda metade do séc. VI a.C. (Arruda, 1999-2000, p. 108).

Quanto à fíbula da Quinta do Marcelo, Ponte data-a de entre os finais do séc. IX/inícios do séc. VIII e todo o séc. VII a.C. (Ponte, 2006, p. 98). A sua associação a facas de ferro é vista como mais um artigo do universo mediterrâneo, num local que também terá tido ocupação da Idade do Ferro (Arruda, 2008 b, p. 360).

Os sítios de Cabeça de Vaiamonte, Corôa do Frade e Arraiolos trazem nova discussão cronológica.

A informação sobre a posição estratigráfica da fíbula de dupla mola de Cabeça de Vaiamonte é desconhecida, o mesmo sucedendo com outros materiais de importação mediterrânea (contas de colar de vidro, recipiente de vidro polícromo, fíbulas anulares hispânicas, etc.). O mesmo pode ser referido para a descrição que faz C. Fabião de três fragmentos de asas bifidas, “(...) talvez do mesmo recipiente (...) que se admite ser de grandes dimensões (...) com (...) afinidades formais com as asas dos *pithoi* (...)” (Fabião, 1996, p. 46) e com fragmentos de cerâmica de retícula brunida externa (Fabião, 1998, vol. I, p. 178). A fíbula é inicialmente catalogada por Ponte nas produções típicas dos sécs. VI-V a.C. e designada como sendo das produções tardias do tipo 2-A de Schüle (Ponte, 1985 a, p. 138). As dificuldades de

classificação tipológica (por apenas conservar o fusilhão e uma das molas) conduziram a que fosse considerada, eventualmente e mais tarde, como do tipo 3-A/3-D (datável de entre os sécs. VIII a IV a.C.) ou ainda, e no mesmo local, como sendo do tipo 3-A e datada de entre os finais do séc. IX/inícios do séc. VIII até ao séc. VII a.C. (Ponte, 2006, p. 98).

Independentemente destes problemas de ordem tipológica e perante esta aparente convergência de materiais, C. Fabião aconselhou, na sequência da análise que realizou sobre os materiais deste sítio (Fabião, 1996; Fabião, 1998, vol. I, p. 145- 232; Fabião, 2001) alguma cautela na atribuição de um Bronze Final à fibula de dupla mola (Fabião, 1998, vol. I, p. 178) e propôs outra abordagem do espólio do sítio, cujo foco difusor estaria centrado na Meseta do séc. VI a.C. (Fabião, 1996, p. 46). Não se descarta a existência de uma ocupação do Bronze Final neste local, simplesmente não deverá ser atribuído àquele objecto de adorno uma relevância cronológica para este tema. Como é conhecido, outros materiais comprovam uma ocupação da II Idade do Ferro neste local, designadamente, as cerâmicas de matrizes impressas, que, de acordo com estudos recentes, são cronologicamente anteriores às mais antigas da Meseta (Estrela, 2010, vol. I, p. 89). Fugindo um pouco à cronologia atribuída à fibula de dupla mola deste povoado, parecem estar assim evidentes trocas mais ou menos intensas de produtos entre a região alentejana e a Meseta, pelo menos, desde o séc. VI a.C., numa continuidade que se observa com materiais mais recentes, que podem ser datados dos finais do séc. V a.C. – inícios do séc. IV a.C.

Sobre a fibula de dupla mola do povoado fortificado de Corôa do Frade, J. M. Arnaud defendeu a sua integração no que na altura da intervenção no local se designava como Bronze III do Sudoeste, admitindo a “ (...) possibilidade de uma relativa sobreposição cronológica e a existência de contactos com algumas comunidades já portadoras de utensílios de ferro, que de facto parece terem penetrado ou surgido na península no séc. VIII a.C. (...) consideram-se os habitantes da Coroa do Frade como ainda detentores de uma cultura material essencialmente da Idade do Bronze” (Arnaud, 1979, p. 89-90) centrada entre 1000 e 700 a.C. (Arnaud, 1995, p. 43).

A fibula de Corôa do Frade foi inicialmente datada por Ponte entre os sécs. VI-V a.C. (Ponte, 1985 a, p. 138), das produções mais recentes do tipo 2-A de

Schüle, para, anos mais tarde, ser catalogada como pertencendo ao tipo 3-A de Ponte e enquadrável nos finais do séc. IX/inícios do séc. VIII a.C., até ao séc. VII a.C. (Ponte, 2006, p. 98).

O Castelo de Arraiolos conhece um historial peculiar de investigações. No inventário feito por G. Marques e A. M. de Andrade, o local seria um exemplo maior daquilo que na altura designaram por *Cultura de Alpiarça*, um povoado amuralhado, com provas seguras de habitat concentrado e materiais cerâmicos que tipificavam aquela “Cultura”. Numa perspectiva puramente diffusionista, a cronologia do sítio, que revelava, num mesmo nível, as cerâmicas de tipo Alpiarça e a fibula de dupla mola era dada como sendo de entre os sécs. V-IV a.C. (Marques e M. de Andrade, 1974, p. 146). Simplesmente, os dados desta concordância estratigráfica são difíceis de avaliar. Do local e por referência anterior apenas sabemos que foram encontrados materiais pré-históricos aquando das obras para a instalação de uma antena da RTP, recolhidos pelo empreiteiro que “(...) cavara até a rocha e que numa camada de terra que cobria esta, estavam o machado, as esferas [percutores], cacos e outras coisas que se não recolheram por julgar inúteis” (Paço, 1967, p. 4).

Trabalhos posteriores deram a simples indicação de que existiria no local uma ocupação da Idade do Ferro, de acordo com a notícia de aí terem existido trabalhos arqueológicos que davam conta desta cronologia (Calado e Rocha, 1997, p. 101). A designação vaga desta cronologia impediu, até hoje, uma segurança quanto à possível datação dos materiais recolhidos nos trabalhos arqueológicos dos anos 60 (e 70?) do século passado e de outros entretanto e porventura ocorridos, mas dava-se a entender a existência de materiais mais antigos, como um punhal em bronze do tipo Porto de Mós, que era aqui datado do Bronze Final, em concreto, da primeira metade do séc. VIII a.C. (Correia, 1988, p. 203).

Mais recentemente, os materiais dados à estampa, na sequência de escavações arqueológicas realizadas no local, dão apenas conta de uma cronologia do Bronze Final (Almeida et al., 2010). Parece ser assim possível observar com segurança uma ocupação desta cronologia, ficando ainda por resolver a integração temporal da fibula de dupla mola do Castelo de Arraiolos. Ponte integra inicialmente esta fibula nas produções tardias da fibula 2-A de Schüle, balizada entre os sécs. VI-V a.C. (Ponte, 1985 a, p. 138) e, mais recentemente, apontou

cronologias anteriores, entre os finais do séc. IX/inícios do séc. VIII e o séc. VII a.C. (Ponte, 2006, p. 98).

A fíbula permanece ainda inédita, já que, ao que tudo indica e de acordo com informação pessoal de R. Mataloto, que agradecemos, a fíbula que consta na obra de S. da Ponte se refere a uma reconstituição. A identificada nos trabalhos do séc. XX encontra-se fragmentada e aguarda publicação mas, assegura R. Mataloto, trata-se de uma fíbula do tipo 3-A de Ponte. Esperamos que as novas publicações sobre o sítio clarifiquem muitas destas questões.

Os exemplares baixo-alentejanos do Castro dos Ratinhos e de Torre Velha 3, conforme já apresentado antes, inscrevem-se numa cronologia sidérica. No primeiro sítio, as fíbulas foram identificadas na fase de decadência (Fase 1a), balizada entre 760 e 730 a.C., caracterizada pela reformulação de um anterior espaço sagrado, designado como “santuário fenício” com estruturas “orientalizantes” que não tinham, no entanto, qualquer correspondência na cultura móvel. A reutilização deste espaço, nesta fase, enquanto, porventura, uma habitação de prestígio, revelava, tal como em Torre Velha 3, a ausência de artefactos de ferro (Berrocal-Rangel e Silva, 2010, p. 420-425).

Ainda inscritos na fase 1, surgiram recipientes de armazenamento relacionados morfológicamente com os *pithoi*, com perfis semelhantes mas com dimensões variadas, a maioria das vezes manuais e, em menor quantidade, a torno lento. Estas formas cerâmicas, classificadas como X e XI na tipificação feita para o sítio, revelavam algumas afinidades nos perfis com exemplares do Bronze Final da Corôa do Frade ou de Santa Margarida e Crespa (Serpa) e formas similares à variante XB foram identificadas no povoado de Rocha do Vigio 2 (Alandroal), datado entre os sécs. IX-VIII a.C., coevos portanto da fase sidérica do povoado baixo-alentejano, iniciada por volta de 830 a.C. (*Idem, ibidem*, p. 300-301; pág. 420 e figs. 136 e 141 – p. 289 e 299).

A fíbula de dupla mola de Torre Velha 3, pela associação ao *pithos* num contexto devoluto, aponta uma cronologia da segunda metade do séc. VII a.C., mas como se verá adiante, não se descarta a hipótese de uma maior antiguidade para aquele artefacto metálico.

Orientando a análise de acordo com a posição e cronologia da fíbula de dupla mola do subtipo B de Ponte, observamos a sua presença em locais com contacto mais ou menos directo aos estuários do Tejo e do Sado.

No sítio de Casal de Vila Chã Norte (Amadora), detectado em prospecção e caracterizado como habitat, a fíbula é datada por S. da Ponte entre os sécs. VI-V a.C, podendo inclusive atingir o séc. IV a.C. (Ponte, 1982-1983, p. 107 e fig. 2, nº 2). E, ainda na península de Lisboa, a Quinta do Almaraz pode também ter conhecido uma fíbula deste subtipo, de acordo com o já referido *supra*.

Na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal), “(...) escavada caoticamente em 1874 e 1875 (...)” a fíbula de dupla 3-B foi datada do segundo terço do séc. IV a.C. (Correia, 1972). S. da Ponte considera esta proposta cronológica baixa e defende a sua integração nos sécs. VII-VI a.C. (Ponte, 2006, p. 98).

Em obra que dedica ao mundo funerário, Torres Ortiz não menciona qualquer fíbula de dupla mola para este sítio e alvitra a datação da segunda metade do séc. VII- primeiro terço do séc. VI a.C., a partir do tipo de estruturas funerárias identificadas (fossas escalonadas com cremação) e pela filiação dos materiais (urnas *Cruz del Negro* evoluídas, escaravelho de Psamético I ou contas de sanguessuga, por exemplo) mas chama a atenção para outros materiais poderem sugerir datas do séc. V para alguns túmulos, como sejam as fíbulas anulares hispânicas ou os broches de cinturão de três garfos (Torres Ortiz, 1999, p. 114-115).

Por seu turno, A. M. Arruda alega uma datação da Idade do Ferro para a totalidade das fíbulas desta necrópole, através da análise que efectuou sobre os contextos sepulcrais e pela própria morfologia das fíbulas (Arruda, 2008 b, p. 362). Em concreto, integra a fíbula de dupla mola desta necrópole entre meados do séc. VII a.C. e meados do século seguinte, enquadrada num contexto funerário de incineração *in situ*, numa fossa escavada na rocha, com depressão central e com um espólio associado em que figuram uma fíbula do tipo Acebuchal (tipo 9 de Ponte), lanças de tipo Alcácer, etc. (Arruda, 1999-2000, p. 81; Arruda, 2004, p. 461-462).

No povoado associado a esta necrópole e identificado no Castelo de Alcácer do Sal, escavações efectuadas nos anos 70 e 80 do séc. XX deram conta de um substrato indígena do Bronze Final, sobreposto por uma intensa e interessante diacronia sidérica que revelava continuidade até os inícios da romanização. Interessa aqui reportar a procedência dos *pithoi* deste povoado, integrados na Fase III, designada como orientalizante, nas camadas 9 e 10 (Mayet e Silva, 1993,

p. 129-131, Silva et al., 1980-1981) que, de acordo com considerações mais recentes parece poder revelar um hiato entre os estratos do Bronze Final e a “(...) ocupação puramente fenícia (ou puramente orientalizada) (...)” com conjuntos artefactualis que não são anteriores ao séc. VII a.C. mas que colocam este sítio, dada a sua localização, como o grande povoado do Baixo Sado a receber os primeiros contactos com o mundo fenício (Silva, 2005, p. 757 e 760).

Também localizada no estuário do Sado, Abul A deu conta da presença de uma fíbula de dupla mola 3-B (Mayet e Silva, 2000, p. 67 e fig. 46, nº 351), em associação com vários fragmentos de *pithoi* (*Idem, ibidem*, p. 39-41 e fig. 38, nº 264 e fig. 48, nºs 370 a 373), materiais integrados no horizonte II C - correspondente ao fim do funcionamento da segunda fase, com um incêndio que afecta apenas uma parte do sítio, da base da camada 4 (*Idem, ibidem*, p. 30 e 78) e que foram datados da segunda metade do séc. VII a inícios do século seguinte. O local, fundado *ex novo* e considerado como um edifício exclusivamente comercial, que carecia de um nome mais concreto (feitoria, *emporion*, estabelecimento?) (Mayet e Silva, 1994, p. 187), conheceu ocupação desde os inícios do século VII a.C., e desta fase I datam também outros *pithoi* (*Idem, ibidem*, fig. 14 - nº 21 e fig. 19 - nºs 72 a 74). Sobre a interpretação do sítio, considera A. M. Arruda ser preferível a sua designação enquanto fundação colonial construída de raiz, concordando na fórmula *ex nihilo* e sem traços do Bronze Final (Arruda, 2010, p. 440 e 443).

Já em pleno Alentejo Central, a fíbula de dupla mola da necrópole de Torre de Palma e resultante das escavações de M. Heleno de meados do séc. XX, encontra-se, tal como o restante espólio, desprovida de contexto estratigráfico. Estudos recentes apontam a possibilidade de se estar perante um espaço funerário no qual se testemunhou o ritual da incineração, ocorrido entre os finais do séc. VII e o início do séc. V a.C., “(...) não sendo improvável que ambos os extremos se aproximem, concentrando as deposições (...) dentro do séc. VI a.C. (...)”, com um conjunto artefactual muito próximo das realidades litorais, documentadas no Baixo Guadalquivir, na fachada atlântica da Península Ibérica e no interior extremenho, mas bastante afastado, cultural e cronologicamente, das realidades baixoa-lentejanas, onde se observam profundas readaptações às realidades locais e onde se assiste à deposição frequente de armas, em cronologias bem avançadas,

dentro do séc. V a.C. (Mataloto et al., 2008, p. 296).

Formulando a análise seguinte em torno dos *pithoi* do actual Sul de Portugal, obrigatoriamente teremos de mencionar os recipientes recolhidos ao longo de várias campanhas de escavação na Alcáçova de Santarém, mesmo que fora do âmbito geográfico deste encontro científico. A explicação foi já dada anteriormente. Neste momento, apenas queremos chamar a atenção para um sítio que deu a conhecer este tipo de cerâmica desde os finais do séc. VIII, generalizando-se a sua utilização ao longo de todo o séc. VII a.C. (Arruda, 1999-2000, p. 191-195).

Descendo o Tejo, encontramos *pithoi* em Lisboa, concretamente nas escavações da Sé Catedral, que revelaram o seu uso comum a partir do séc. VII a.C. (Vilaça e Arruda, 2004, p. 34) numa ocupação iniciada naquele período (Arruda, 2005 b, p. 32) mas que parece centrada sobretudo no século seguinte, tendo em conta a quantidade e cronologia das cerâmicas cinzentas (Arruda et al., 2000, p. 48). Todavia, o local teria conhecido ocupação anterior, do séc. VIII a.C., como testemunham uma urna *Cruz del Negro* e uma ânfora T- 10.1.1.1. (Arruda, 2005 b, p. 32) ou da primeira metade do séc. VII a.C., como afirma a mesma autora numa outra publicação (Arruda, 2005 a, p. 289). Corresponderia a parte de um povoado urbano, com a instalação de um entreposto comercial na plataforma onde se situa a Sé de Lisboa e do qual não se devem alhear os dados do Castelo de S. Jorge, possivelmente com um fundo indígena (Amaro, 1993, p. 186), situação que conhece alguma oposição, sobretudo baseada no então (e ainda) desconhecimento sobre os materiais do Morro de S. Jorge (Arruda, 1999-2000, p. 128).

A Travessa dos Apóstolos, em Setúbal, conhece a presença de cerâmica pintada na Fase I e mantém-se na Fase II, em recipientes interpretados como podendo ser *pithoi* (Mayet e Silva, 1993, p. 133). Estas fases constituem a base da estratigrafia do local, datada dos sécs. VII e VI, formadas por níveis orientalizantes e distinguem-se sobretudo pela frequência relativa da cerâmica manual (*Idem, ibidem*, p. 131), tipologicamente característica do Bronze Final, dando a entender a existência de um fundo indígena, receptor de fortes “(...) influências de carácter orientalizante” (Soares e Silva, 1986, p. 96). A fraca percentagem de *pithoi* (0, 5% na fase I e 1,5% na fase II), o seu estado fragmentado e a sua associação, na fase II, a dois fragmentos de ânforas que são variantes da forma T-10.1.2.1., serviram de

sustentação a outras teorias sobre a cronologia sidérica de Setúbal, que apontam um momento indeterminado do séc. VI a.C. para esta ocupação (Arruda, 1999-2000, p. 95-96).

O santuário de Abul B, com um tempo de vida estimado entre o séc. VI e o séc. V a.C., coloca algumas reticências quanto à existência de *pithoi*. Taxativamente, os autores dos trabalhos arqueológicos neste sítio não afirmam a presença deste recipiente, mencionando a existência rara e em mau estado de conservação da cerâmica pintada (Mayet e Silva, 2000, p. 181). Referências posteriores dão conta destas características deste mesmo tipo de cerâmica, exemplificando com a presença de “(...) recipientes de colo cilíndrico e bordo sub-horizontal que lembram “urnas” tipo Cruz del Negro (...)” (Mayet e Silva, 2001, p. 180), e informam depois da presença de *pithoi*, à razão de 1,5 % do espólio total do santuário, na estrutura 1, integrada na fase I (*Idem, ibidem*, Quadro 2, p. 182). O presumível *pithos* consta de uma figura da publicação mais antiga, situação que não se verifica na posterior.

No Alentejo Central, o cume da Serra d' Ossa revelou a presença precoce de estímulos de índole orientalizante, durante a segunda metade do séc. VII a.C., no povoado de S. Gens. A identificação de fragmentos de ânfora T-10.1.2.1., associada a um recipiente cuja morfologia o aproxima dos *pithoi*, coloca o devido ênfase na chegada ao interior de contentores de produtos novos ou pouco conhecidos nestas paragens, “(...) demonstrando a capacidade das populações locais adquirirem produtos originários de territórios distantes” (Mataloto, 2004, p. 157 e 159).

Sobranceiro ao Guadiana, o sítio de Moinho da Cinza 1 (Alandroal), com as suas estruturas negativas deu a conhecer um *pithos* importado, datado do séc. VII a.C. num contexto onde é bastante superior a quantidade de cerâmica manual (Calado et al., 2007, p. 143). O local foi considerado como sendo posterior, do séc. VI a.C., em consonância com a existência de casais agrícolas como o da Herdade da Sapatoa (Arruda, 2005 b, p. 88).

Descendo o rio, e em pleno Baixo Alentejo, encontramos, em cronologias posteriores, contentores cerâmicos assimiláveis a *pithoi* no santuário da Azougada, localizado na confluência do rio Ardila com o Guadiana. Os recipientes importados, com algumas dúvidas na atribuição formal mas com pastas e morfologias semelhantes às de alguns dos *pithoi* de Santarém, e designados como forma XV (nºs 302 3 303

– Est. CXV, p. 341), foram datados por A. S. Antunes da segunda metade do séc. VI a.C (Antunes, 2009, p. 312).

O povoado urbano identificado no Castelo de Castro Marim, na foz do Guadiana, dá conta da presença de *pithoi* a partir de meados do séc. VII a.C., nos níveis inferiores da fase sidérica mais antiga, sobreposta a uma ocupação do Bronze Final (Arruda, 2005 a, p. 289). Também no Algarve litoral, mas agora em ponto mais ocidental, em Tavira, as escavações realizadas ao longo dos últimos anos na colina de Santa Maria, localizada na margem direita do Rio Gilão, revelaram a existência de uma ocupação sidérica iniciada, de acordo com os autores destes trabalhos, na segunda metade do séc. VII a.C. (Maia, 2000, p. 9) mas que poderá estar centrada nos inícios do século seguinte (Arruda, 2005 b, p. 50). Deste povoado urbano é conhecido um *pithos* fragmentado (Maia, 2000, fig. 11, p. 23) e outros recipientes desta tipologia, juntamente com ânforas, foram reutilizados em estruturas de combustão (Maia, 2000, p. 5).

De regresso ao Baixo Alentejo, e, desta vez, na área de Ourique, o sítio de Fernão Vaz tem sido alvo, desde as primeiras publicações de meados dos anos 80 do séc. XX, de toda uma série de interpretações no referente à sua funcionalidade e cronologia (para uma síntese sobre este assunto, V. Estrela, 2010, vol. I, p. 85 e vol. II, Quadro 23, p. 30). Importa aqui fazer referência a um fragmento cerâmico descrito em 1993 como sendo um pote com asa de secção circular dupla (Beirão e Correia, 1993, p. 292 e fig. 4, nº9) e do qual se desconhece a proveniência estratigráfica. Este recipiente foi apontado por A. M. Arruda como correspondente a um *pithos*, descrito como tendo um bordo horizontal e asas bifidas (Arruda, 2001, p. 218). Em relação à cronologia do sítio, também alvo de teorias distintas nos últimos 30 anos, será conveniente referir a discordância desta autora em relação aos autores dos trabalhos arqueológicos em Fernão Vaz. Estes apontam uma cronologia iniciada no séc. VIII ou inícios do séc. VII a.C. e finalizada no séc. VI a.C. devido a um incêndio cujos restos serviram de base às datações pelo radiocarbono (Beirão e Correia, 1993, p. 293). Para A. M. Arruda não existe nenhuma peça passível de ser enquadrada no séc. VII e afirma não se poder ignorar a presença de cerâmica ática do séc. V a.C., propondo uma ocupação algures no séc. VI a.C, possivelmente nos seus meados e por um fim em meados do séc. V a.C., provocado pelo referido incêndio

(Arruda, 2001, p. 220).

Terminando esta apresentação, achamos oportuno fazer menção aos sítios do Sudoeste peninsular que, à semelhança de Torre Velha 3, deram a conhecer a associação dos dois artefactos alvo deste estudo. Assim, em Portugal temos os sítios de Quinta do Almaraz e de Abul A, respectivamente, com fíbulas 3-A e 3-B (sendo de considerar a hipótese de existirem também fíbulas 3-B no povoado da margem Sul do Tejo).

Já em território actualmente espanhol, a diversidade de contextos é maior, com as necrópoles de Medellín, Aljucén e de Cruz del Negro a fornecerem a associação de *pithoi* a fíbulas 3-A, embora, no caso da necrópole andaluza, o recipiente cerâmico tenha sido identificado fora de contexto, num local datado dos sécs. VIII-VII a.C. (Torres Ortiz, 1999, p. 83-84) e na necrópole localizada na foz daquele rio extremenho, apareceram formas a torno, de entre elas uma urna ovóide e de colo curto e esvasado de alguma forma aparentada com um *pithos* (Enríquez Navascués, 1991, p. 181). Por sua vez, a necrópole de Medellín permitiu uma datação entre 675-650 / 625-575 a.C. (Torres Ortiz, 2008 b, p. 656; Torres Ortiz, 2008 a).

As feitorias malaguenhas de Morro de Mezquitilla e Las Chorreras, ambas localizadas nas margens do rio Algarrobo, deixam observar algumas nuances nesta associação de materiais. O primeiro sítio deu recentemente a conhecer fíbulas do horizonte B1, datado de meados e da segunda metade do séc. VIII a.C. e todo o séc. VII a.C. (Mansel, 2000, p. 1601 e fig. 4, nºs 1, 2

e 3 – p. 1607). A relevância desta associação prende-se, para mais, com o facto de este ser o sítio fenício mais antigo da Península ibérica, dos finais do séc. IX a.C. (Schubart, 2006) com os mais antigos indícios de actividade metalúrgica. Aqueles achados, no entanto, foram identificados dispersos e sem associação directa com esta actividade (Mansel, 2000, p. 1602). Por seu turno, a feitoria de Las Chorreras, de fundação posterior, da segunda metade do séc. VIII a.C. (Aubet et al., 1979) dá conta de dois fragmentos de vareta de bronze de secção rectangular e parte superior duplamente curvada (*Idem, Ibidem*, fig. 10, nº 183 – p.115) que não são apelidados de fíbula mas que hipoteticamente o poderão ser, de acordo com publicações mais recentes (Martín Ruiz, 2004, p. 120). Hipoteticamente também, avançamos com uma classificação para este artefacto como podendo ser do tipo 3-A de Ponte, concordante com a cronologia do local mas discordante com a indicação da secção rectangular publicada nos finais dos anos 70 do séc. XX.

Finalmente, o importante núcleo urbano antigo de Carmona, no Baixo Guadalquivir, deu a conhecer uma fíbula do tipo 3-A, datada dos sécs. VII e VI a.C. Noutro local, em contexto ritual, a identificação de três *pithoi* com decoração figurativa num santuário destruído no séc. VI a.C. identificado na Casa-Palácio do Marquês de Saltillo (Belén et al., 1997; Belén et al., 2004, p. 149-170) dão conta da imensidão de possibilidades de associação de materiais numa cidade antiga.

7.2. OS MATERIAIS, OS SÍTIOS E AS ROTAS

Acerca da rota ou rotas de chegada dos dois artigos alvo desta apresentação a Torre Velha 3, podem ser feitas algumas leituras.

Sobre a fíbula de dupla mola, parece poder ser garantida a rota do Guadiana, se atendermos à presença deste objecto de adorno em cronologias parcialmente mais antigas, como nas necrópoles extremenhas de Medellín (Torres Ortiz, 1999, p. 106-107), Talavera la Vieja (Jiménez Ávila, 2006, p. 99-108 e fig. 3 – p. 99) e na foz do Rio Aljucén (Enríquez Navascués, 1991, p. 175-183) e naquelas com datações coevas às de Torre Velha 3, como Gargáligas (Torres Ortiz, 1999, p. 110) e Cerro de San Cristóbal (Almagro Gorbea, 1977, p. 257; Enríquez Navascués, 1991, p. 182), o que nos conduz a não menosprezar os cursos alto e médio desta linha

de água. As cronologias destes objectos no povoado de planície e sem defesas naturais de El Palomar - entre os finais do séc. VII e os finais do século seguinte (Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2008, p. 257), local onde, para mais, foi identificada uma área especializada na metalurgia do bronze mas que não parece ter estado relacionada com a produção deste tipo de artefacto (Rovira et al., 2005) colocam novamente o Rio Guadiana como um foco importante para a dispersão destes objectos.

A maior antiguidade destas peças nas necrópoles andaluzas de Las Cumbres, Cruz del Negro, Setefilla, onde se encontram inseridas em contextos datados do séc. VIII a.C. (Ruiz Mata e Pérez, 1989), de entre este século e o século seguinte (Torres Ortiz, 1999, p. 83-

84), respectivamente, e desde o séc. VIII a.C. no túmulo I de Setefilla (*Idem, ibidem*, p. 90-94), parece poder significar uma origem deste artefacto na Andaluzia ocidental, em locais de acesso mais ou menos facilitado ao Guadalquivir.

A feitoria de Mesa de Setefilla conhece este tipo de objectos desde a segunda metade do séc. VII a.C., em estreita conivência, portanto, com os túmulos A e B da necrópole que com ela está associada (Aubet Semmler, 1989, fig. 17, nº 76 – p. 321 e p. 302). O sítio foi alvo de reapreciação cronológica desde as primeiras publicações, quer através de datações de radiocarbono, quer através da análise da cerâmica a torno, coincidindo no séc. VIII a.C. para a introdução desta produção cerâmica (Escacena Carrasco, 1995, p. 184-185).

Um sentido algo inverso pode ser o observado para a cronologia dos sítios da Alta Andaluzia central e oriental, de acordo com os dados de Colina de los Quemados e de Cerro de la Mora (povoados) e de Cerrillo Blanco e Castellones de Ceal (necrópoles) que parecem mostrar uma dispersão feita de Noroeste para Sudeste. Está presente desde o séc. VII em Cerrillo Blanco (Chapa et al., 2009, p. 163) e em Castellones de Ceal (Chapa Brunet et al., 1998, p. 173), localizados no Alto Guadalquivir (margens direita e esquerda, respectivamente) e, de acordo com os dados que apontam para o séc. VI a.C., em Colina de los Quemados (Murillo Redondo, 1989, p. 149-167) e em Cerro de la Mora (Pastor Muñoz et al., 1988), situados, respectivamente, na margem direita do Alto Guadalquivir e na bacia do Rio Genil, no limite ocidental da Vega de Granada.

Cruzando estes dados com aqueles saídos das necrópoles da costa de Málaga - Trayamar (Argente Oliver, 1994, p. 56) e Frigiliana (Schubart, 1982, p. 84), respectivamente, na foz e na margem Este da foz do Rio Algarrobo, e Cortijo de las Sombras (Torres Ortiz, 1999, p. 101-102), verificamos que é “apenas” no séc. VII a.C. que as fibulas de dupla mola são depositadas. Porém, as feitorias de Las Chorreras (Aubet et al., 1979) e de Morro de Mezquitilla (Mansel, 2000) quebram o panorama da antiguidade dos sítios da Andaluzia ocidental atrás referidos, com a presença destes artigos desde a segunda metade do séc. VIII a.C., mostrando ao mesmo tempo que em contextos funerários podemos esperar por amortizações de objectos em momentos muito posteriores aos da sua produção e uso em vida (daí a palavra apenas assim colocada).

Os dados dos sítios portugueses, muito mais

escassos e em boa parte decorrentes de sítios mal ou pouco conhecidos do ponto de vista estratigráfico, apontam, mesmo assim, para a necessidade de se sublinhar a importância do Guadiana, apesar do desconhecimento deste artigo, na área a Sul de Torre Velha 3, designadamente, na região algarvia. Aqui desconhecida, fruto do acaso das investigações, revela no entanto ser coeva de outros tipos de fibula, como veremos adiante.

A situação poderia mostrar-se complicada no momento de atribuir uma rota de chegada para o *pithos* em Torre Velha 3, sobretudo por razões relacionadas com a dificuldade de atribuição de paralelos formais claros, dado o actual estado da peça. Apesar disto, é clara a filiação da sua pasta nas produções litorais, de acordo com a observação que nos foi feita por A. M. Arruda, que assegurou a semelhança da pasta com os recipientes que recolheu ao longo de vários anos de escavação na Alcáçova de Santarém. Também graças à prontidão com que analisou a peça, que agradecemos, é-nos permitido afirmar que a peça de Torre Velha 3 se enquadra nas produções da segunda metade do séc. VII a.C.

Se observarmos o mapa de dispersão destes artigos cerâmicos no Sudoeste peninsular (V. fig. 7), é bastante clara a maior antiguidade destas peças nas feitorias da costa de Málaga, desde os meados do séc. IX a.C. em Morro de Mezquitilla (Schubart, 2006), do último quartel do mesmo século em Toscanos (Martín Ruiz, 2004, p. 98-99; Schubart e Maass-Lindemann, 2007, vol. 2) e em Chorreras a partir da segunda metade do séc. VIII a.C. (Schubart, 2006; Aubet et.al., 1979) e a sua distribuição relativamente rápida também na Andaluzia ocidental, a partir desta mesma altura, conforme mostram os povoados de Castillo de Doña Blanca e de Cerro del Prado, ocupados entre os sécs. VIII e VII (Ruiz Mata, 1999) e os sécs. VII-VI a.C. (Rouillard, 1978), respectivamente. Ao mesmo tempo, e em associação com a necrópole de Cruz del Negro (Torres Ortiz, 1999, p. 83-84) e com o santuário de Carmona (Belén et al., 1997; Belén et al., 2004), demonstra-se a relevância do centro nevrálgico de *Gadir* e no qual se incluem os achados destas peças nos sítios de Castro Marim e de Tavira, no litoral algarvio.

Desta forma, a rota do grande rio do Sul é bastante plausível, se atendermos à presença de *pithoi* no importante entreposto comercial de Castro Marim, desde meados do séc. VII a.C. (Arruda, 2005 a, p. 289) que bem poderia ser um importante centro

distribuidor destes recipientes para o interior do Baixo Alentejo, mesmo que daqui e para Norte de Mértola se contasse com o acidente geográfico do Pulo do Lobo. A presença de outros recipientes cerâmicos adequados a esta cronologia em Mértola – um prato de engobe vermelho e duas urnas *Cruz del Negro* recolhidas em finais do séc. XIX por Estácio da Veiga em locais que podem ser interpretados como ambientes funerários (Barros, no prelo a) só assim pode ser entendida, numa rota de sentido Sul-Norte, iniciada na foz deste rio em Castro Marim e que tinha ponto de transacção no importante entreposto mercantil baixo-alentejano, independentemente de aqui não se conhecer ainda com segurança a presença de *pithoi* (comunicação pessoal de Pedro Barros, que agradecemos).

Sobre a dispersão deste tipo de recipientes para o interior, podemos presumir que será expectável identificá-los em sítios localizados mais para oeste. Feitas as devidas ressalvas sobre Fernão Vaz, dada alguma controvérsia que ainda se gera, infelizmente, em torno da cronologia e da funcionalidade deste sítio, é de esperar, no futuro, que outros locais forneçam dados convincentes com a cronologia do *pithos* de Torre Velha 3.

De Mértola, a rota de dispersão dos artigos de origem meridional seguia para Oeste por vias terrestres, num processo muito melhor conhecido para épocas posteriores (Barros, 2008; Barros no prelo b; Estrela, 2010), quando por aqui passam muitas das taças Cástulo e ânforas da baía gaditana que chegam a locais como Fernão Vaz mas também a outros povoados, como Mesas do Castelinho.

Outras hipóteses não são de descartar. Não podemos, no entanto, tomá-las como únicas e exclusivas. As rotas com sentido Este-Oeste, que fazem chegar artigos importados a locais como a Azougada ou ao Castro dos Ratinhos, na margem esquerda do Médio Guadiana ou a locais como o Moinho da Cinza 1, na margem direita do mesmo troço daquele rio, podem ser o ponto de origem para a chegada do *pithos* a Torre Velha 3, o ponto localizado mais a Sul. O mesmo pode ser extrapolado para a fíbula de dupla mola de Torre Velha 3, sobretudo se atendermos ao vazio algo atípico deste tipo de objecto a Sul de Torre Velha 3, e, em particular, na região algarvia. Este vazio, que se traduz, pensamos, na ausência de dados conhecidos, torna, neste momento, como bastante plausível a dispersão deste artigo metálico através dos cursos Alto e Médio do Guadiana, de que Medellín, na Baixa Extremadura,

se revela como um ponto central da sua distribuição para Norte e para Nordeste. No respeitante à presença dos *pithoi* e de recipientes análogos nas necrópoles extremenhas da foz do rio Aljucén, Medellín e Cerro de S. Cristóbal, observamos uma cronologia similar, sinal aparente de um costume na reutilização deste recipiente de armazenagem como contentor funerário num intervalo de tempo algo circunscrito, entre os finais do séc. VII a.C. e os finais do séc. VI a.C. em sítios de ambas as margens do curso Alto do Guadiana.

Apesar do contexto devoluto de Torre Velha 3, cuja fíbula é datada da segunda metade do séc. VII a.C., pela sua associação ao *pithos*, não é de descartar uma rota com orientação Sul-Norte para a entrada de artigos como estes no interior baixo-alentejano.

Considerando que a fíbula é um adereço que pode ter sido passado de geração em geração, o que indicaria uma perpetuação de um estilo novo de vestuário, iniciado anteriormente mas claramente associado aos hábitos orientais que chegam ao actual território português no séc. VIII a.C., atendendo à cronologia de Castro dos Ratinhos, não é desprovido de sentido ponderar que a fíbula de Torre Velha 3 possa ser mais antiga, tanto mais que se trata da presença mais meridional deste tipo de peça no actual território português.

E, como já foi atrás apontado, os dados de Castro Marim concorrem para validar, de algum modo, a hipótese de uma rota Sul-Norte, que usava o Guadiana como via inicial de chegada deste tipo de objectos. Foram identificadas fíbulas do tipo Acebuchal (tipo 9 de Ponte), integradas na Fase IV, datada entre os finais do séc. VII e todo o séc. VI a.C. (Pereira, 2008, vol. 1, p. 44 e 49). O mesmo tipo de fíbula foi identificado em Quintos (Beja), local onde, na Herdade das Carretas, um exemplar de uma fíbula *Bencarrón* (tipo 10 de Ponte) assegura a chegada deste tipo de objectos de adorno ao Baixo Alentejo interior naquelas cronologias (Ponte, 1986, p. 76, 78, 80). Também no interior baixo-alentejano, a necrópole de Vinha das Caliças 4 (Beja) e o habitat de Casa Branca 11 deram a conhecer exemplares do tipo Ponte 9 (Miguez, 2010, p. 57). Temos, portanto, a garantia da contemporaneidade da fíbula de dupla mola de Torre Velha 3 com outros tipos de fíbulas na região baixo-alentejana e no Algarve.

Outras rotas teriam feito chegar fíbulas *Acebuchal* à necrópole de Alcácer do Sal, no estuário do Sado (Arruda, 1999-2000, p. 77-78) ou à necrópole de Torre de Palma, no Alentejo Central, também naquelas

cronologias (Mataloto *et al.*, 2008, p. 296).

Apesar disto, a convergência de todos estes dados parece assim dar conta da importância da via do Guadiana, ainda para mais se pensarmos que os objectos de gosto e origem oriental não viajavam sozinhos, antes faziam parte de conjuntos diversificados de objectos produzidos noutras paragens e daqui transportados em lotes. A presença de *pithoi* em Castro Marim dá um sinal desta convergência, para mais com peças datadas de meados do séc. VII a.C. (Arruda, 2005 a, p. 289).

Torre Velha 3, localizada a Norte do Pulo do Lobo, não faz diminuir o peso da via fluvial de sentido Sul-Norte que, terminada naquele acidente geográfico, poderia ser substituída por uma ou mais vias terrestres, um pouco preconizando o que, séculos mais tarde vai suceder com a localização da cidade romana de *Sirpens*, localizada no

eixo de uma das mais importantes vias da Hispânia, que ligava a sede do *conventus pacensis*, *Pax Iulia*, a *Onuba*. Já os dados do Bronze Final, e no respeitante ao troço médio do Guadiana, deixam observar a centralidade do eixo de circulação que este rio constituiu, juntando e não afastando as suas duas margens (Antunes *et al.*, no prelo).

Retomando o sentido de Norte, de forma óbvia se entende a presença dos *pithoi* nos sítios das penínsulas de Lisboa e Setúbal e em Santarém, local onde se documentou a presença mais antiga destes recipientes na área geográfica que aqui nos interessa focar. O mapa dos *pithoi*, confrontado com as informações sintetizadas no Quadro, também deixa observar uma gradual presença nos sítios da Península de Lisboa e, depois, nos da Península de Setúbal, num avanço Norte-Sul.

8. CONSIDERAÇÕES

Os dados conhecidos para a Idade do Ferro do Baixo Alentejo interior são muito desiguais e parcisos, apesar da quantidade de sítios conhecidos e minimamente intervencionados. Fruto, a grande maioria deles, de escavações datadas e rodeadas de metodologias obsoletas, fizeram valorizar os estudos dos materiais, em detrimento do estudo das próprias realidades estratigráficas. Os dados do Castro dos Ratinhos e de Torre Velha 3, concorrem, como vimos, para a alteração deste cenário.

No que à região de Serpa diz respeito, o panorama não era, até há bem pouco tempo, mais animador. Até aos meados da primeira década deste século, a passagem do Bronze Final à Idade do Ferro dava a conhecer apenas os locais de habitat (Lopes *et al.*, 1997, p. 132). Como apontado atrás, a publicação de dados saídos de muitas intervenções arqueológicas na região baixo-alentejana, decorrentes de trabalhos efectuados no âmbito do actual plano de minimização de impactes de Alqueva e de projectos de investigação já contribuiu para a alteração deste cenário, mesmo daquele fora dos limites administrativos daquele concelho. Nota-se, apesar disto, um predomínio dos contextos habitacionais relativamente aos contextos funerários.

A análise da estratigrafia do terreno e dos materiais de Torre Velha 3 colocam de parte a presença de um contexto funerário. De facto, a ausência de evidências materiais de um qualquer tipo de estrutura funerária (negativa ou positiva) e a inexistência de vestígios de inumação ou de

incineração não autorizam, categoricamente, um âmbito funerário desta cronologia no sítio, mesmo que, à data da escavação, se encontrasse destruído. Por maior que fosse a destruição de um eventual contexto funerário, ela seria minimamente visível no registo arqueológico. A ausência deste tipo de estruturas conjuga-se, aliás, com a dispersão, ao longo de oito u.e.s, dos fragmentos do *pithos*, situação que inviabiliza aquela hipótese.

Muito presumivelmente, aquele recipiente cerâmico, bem como todo o restante espólio identificado na vala/depressão [1946] deverão ter sido originários de outro local, despejados depois naquela extensa interface negativa, o que é demonstrativo de um momento de *terminus post quem*. Certo parece ser o facto de aquele espólio não dever estar muito afastado do local original de utilização, fora da restante área intervencionada no âmbito da minimização de impactes decorrentes da construção da Barragem da Laje, mas com certeza presente nas suas imediações.

O sítio de Torre Velha 3, apesar do contexto secundário em que os materiais foram encontrados, pouco acrescenta ao conhecimento dos padrões da cultura material (entenda-se, das realidades de construção) da Idade do Ferro regional. De qualquer modo, a presença daquela peça cerâmica e daquela peça metálica sugere uma das mais antigas evidências da Idade do Ferro no Baixo Alentejo interior.

E aqui caberá fazer uma breve reflexão sobre o que hoje podemos afirmar para dar garantias de uma

cronologia sidérica nesta região. À luz dos conhecimentos actuais, é acertada a cronologia proposta por diversos investigadores para os inícios da Idade do Ferro no Baixo Alentejo, nomeadamente aqueles que envolvem reavaliações sobre os sítios da área de Ourique e Castro Verde e que apontam o séc. VI como a data de início deste intervalo temporal (Arruda, 2001, p. 282; Arruda, 2005, p. 94; Jiménez Ávila, 2002-2003, p. 92-93).

Porém, ténues, novos e tímidos vestígios, alguns deles fruto de reavaliações recentes sobre sítios conhecidos desde meados dos anos 70, dão conta de uma muito possível anterioridade, como seja, por exemplo, um *thymiaterion*, ostentando um caprídeo e procedente de uma recolha de superfície no povoado fortificado de Montel (Castro Verde), sítio que é assumido como sendo fundado na Idade do Bronze e com continuidade até à II Idade do Ferro e romanização (Maia, 2000, p. 6 e fig. 12 – p. 24). A peça foi alvo de apreciação posterior, classificada como podendo ser a tampa de um daqueles objectos - onde figuraria um cervo, e foi sugerida uma ocupação do séc. VII a.C. para o local e apesar da sua condição de achado (Jiménez Ávila, 2002-2003, p. 93). O mesmo autor refere um achado mais antigo (na recolha e na cronologia do mesmo), uma *caldereta de “antejos”*, proveniente da reocupação funerária do *tholos* de Nora Velha (Ourique), vista como incorporada no horizonte pré-colonial peninsular e datada do séc. VIII a.C. (*Idem, ibidem*).

Estes dados, particularmente expressivos para a área geográfica do Baixo Alentejo onde se inserem, menor significado terão quando se avaliam os inícios da Idade do Ferro na área geográfica onde se insere Torre Velha 3, a margem esquerda do Médio Guadiana, zona, apesar de tudo, melhor conhecida no que diz respeito a esta I Idade do Ferro mais antiga. O mesmo pode ser dito se compararmos com outras áreas do mesmo Baixo Alentejo (conforme deixámos brevemente apresentado no ponto 3) ou até para algumas áreas do Alentejo Central, nomeadamente, aquelas que figuraram no bloco 8 da anterior fase do empreendimento de Alqueva (Calado, 2002, Calado *et al.*, 2007) ou aquelas fruto de outras investigações noutros pontos desta região (Calado *et al.*, 1999; Mataloto, 2005).

Seria exaustivo para esta análise a indicação das suas características funcionais, artefactuais e cronológicas. Apontemos apenas que muitos dos sítios mencionados dão conta de uma antiguidade que pode remontar até ao séc. VII a.C., situação que não é de

menosprezar numa área até há bem pouco tempo vazia desta cronologia.

Outros elementos a considerar serão a aparente convergência de dois artefactos com histórias de vida relativamente distintas. Se, por um lado, os *pithoi* são conotados com a presença fenícia na Península Ibérica, por outro lado, as fíbulas de dupla mola e, particularmente, o seu modelo básico, pode ser visto como uma criação peninsular e, de acordo com a visão de alguns investigadores, intimamente indígenas, se bem que com algum grau de inspiração em modelos de outros pontos do Mediterrâneo e relacionadas com a implementação de novos hábitos de vestuário. Assim sendo, talvez não seja sem sentido a observação de que algumas delas, no actual território português, possam remontar aos finais da Idade do Bronze, se bem que para parte delas, a falta de garantias quanto a isto nos possam fazer vacilar (conforme se pôde ver em relação a algumas das fíbulas de dupla mola do Alentejo Central). Para esta visão concorre a opinião de J. Jiménez Ávila (2002, p. 312), já atrás exposta, do seu predomínio na sociedade indígena, comparativamente às suas frequências nos sítios fenícios. Lembremos que este tipo de fíbula se relaciona com hábitos de vestuário de tradição mediterrânica, do tipo túnica, que não necessitava deste tipo de adereço e que aqui poderá estar o fundamento da sua escassa representatividade em contextos orientalizantes (Martin Ruiz, 2004, p. 120).

Talvez também aqui resida a razão de ser de uma tradição indígena que se observa nas fíbulas dos finais da Idade do Bronze, nos tipos 1 e 2 de Ponte (fíbula de arco multi-curvilíneo e sem mola, respectivamente). Esta última, no actual território português, parece confinar-se à Estremadura e Beira (estuário do Mondego), de acordo com Ponte (2006, fig. 18, p. 96).

Sobre a fíbula de arco multi-curvilíneo, podemos referir a sua presença segura, no Sul de Portugal, no Castelo de Arraiolos e na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal (com exemplares de fíbula 1-B) ou no monumento da Roça do Casal do Meio, em Sesimbra, com um exemplar do tipo 1-A (Ponte, 2006, p. 87- 88; fig. 16 – p. 92). Possivelmente do Castro da Cola (Ourique) provém um exemplar do tipo 1-C (Ponte, 1986) e ao mapa de S. da Ponte há que acrescentar um exemplar do tipo 1-B, da Quinta do Marcelo (Arruda, 2008 b, p. 360).

Estes subtipos são datados entre o séc. X e a primeira

metade do séc. IX a.C. (para a fíbula 1-A), entre os meados ou finais do séc. X e o séc. IX a.C. (para a fíbula 1-B) e dos finais do séc. IX para a fíbula do tipo 2 (*Idem, ibidem*, p. 87, 88 e 94, respectivamente) e são conotadas, as do tipo 1, com trocas comerciais a longa distância com as regiões do Báltico e Mediterrâneo Central durante, exclusivamente, o Bronze Final (Ponte, 2004, p. 204-205). As dos tipos 1-C e 2 são já associadas à transição entre este período e a I Idade do Ferro, revelando, nas palavras da autora, “(...) pistas consistentes sobre (...) a problemática tecnológica comum aos artifícies de ambas as etapas (...) das comunidades metalúrgicas sediadas no território português.” (*Idem, ibidem*, p. 206).

Procurando a análise sobre o tipo de fíbula de Torre Velha 3, e presente, de acordo com os dados publicados, também em sítios do Bronze Final, não deixa de causar algum desconforto a premissa que vê nestas fíbulas uma “(...) certa tendência de assimilação e imitação do produto exógeno orientalizante (...) dupla influência centro-oriental [sentida] por duas vias de comunicação (...)” que, na parte do actual território que aqui nos interessa, se fazia “(...) pela via marítima através do vale do Guadalquivir, Sado, Baixo Tejo (...)” (*Idem, ibidem*). Conforme delineado atrás, a estas rotas teríamos de juntar o Guadiana e, no referente àquilo que se associa como sendo um produto orientalizante, confrontar a observação de que, porventura, a sua presença nos momentos finais da Idade do Bronze não seja descabida, se atendermos ao elemento apontado por aqueles investigadores que vêm neste adereço uma associação a vestuário distinto da túnica. Também neste ponto, seria conveniente chamar a atenção para a eventual situação de ser muito mais a forma (não tanto a tecnologia) destas fíbulas, seguidoras de uma tradição secular, a inspirarem os adornos dos novos hábitos de vestuário orientalizantes que entram no Sudoeste peninsular desde os alvares da Idade do Ferro e culminando, porventura, num adereço muito mais ornamental do que propriamente funcional. Por outras palavras, quase se poderia afirmar que coincidentes com os contactos coloniais (e pré-coloniais) orientalizantes, poderão, eventualmente, corresponder a protótipos peninsulares, ou se se preferir, continentais.

Ao invés, a situação talvez pudesse ser avaliada de acordo com outros parâmetros, que se alicerçam, afinal, na clássica, tradicional e correcta visão de que a Idade do Ferro corresponde, entre outros, à introdução da cerâmica a torno, da arquitetura ortogonal ou de

novos hábitos de vestuário, na sequência de contactos comerciais com o Mediterrâneo. A ser assim, aos sítios conotados com o Bronze Final e onde apareceram estas fíbulas haveria que procurar os materiais datantes, que passariam, por exemplo, pela triagem do que é cerâmica manual e do que é cerâmica a torno, conjugada com uma leitura estratigráfica.

Para alguns deles, o registo (ou a falta dele) é um verdadeiro obstáculo mas a vontade humana e, neste caso, a vontade dos Arqueólogos, não pode ser apenas a de colocar mais um ponto no mapa. O título que demos ao nosso trabalho, poderia ser indicador de uma simples vontade em “(...) enfatizar o já conhecido (...) apresentar propostas interpretativas, com maior ou menor verosimilhança, ainda que em registo hipotético; mas em nenhuma circunstância, esclarecer ou delimitar melhor quaisquer dúvidas pré-existentes” (Fabião, 1998, vol. I, p. 169).

Porém, no caso que nos coube aqui relatar, com os propósitos apresentados e com os resultados obtidos, apesar de condicionado pelos frutos da intervenção arqueológica, serviu, pensamos, como um bom exercício de reflexão em torno dos dois artefactos agora dados à estampa e sobre as questões da sua origem, difusão e cronologia. O título deste trabalho, que para alguns poderia soar a insípido, propositadamente procurou, quase ao estilo de um romance policial, criar o necessário suspense. Se o conseguimos ou não, aos leitores caberá pronunciarem-se.

Mas retomemos o tom científico. Propositadamente também, colocamo-nos longe de tomar partido numa discussão sobre se os ditos materiais até agora adscritos à Idade do Bronze Final (e que no caso que aqui nos interessa, são as fíbulas de dupla mola) são, afinal, da I Idade do Ferro, debate ainda associado, no actual território português, à inexistência de estratigrafias e de novos dados e que poderia dar azo à defesa de teses estabelecidas para outras paragens de uma Idade do Bronze que “*nunca existió*” (Escacena Carrasco, 1995).

Pensemos, por outro lado, nos dados das fíbulas de dupla mola da área estremenha e ribatejana, já atrás coligidos (ponto 6) e que foram alvo de reapreciação cronológica por S. da Ponte, para os sécs. VIII e VII a.C., num quadro de uma região tida como pioneira nos contactos com o mundo orientalizante, alguns deles inseridos numa cronologia do Bronze Final (Arruda, 1999-2000; 2005 a; 2005 b; 2008 b; 2010, etc.), e no qual

se inserem, escassamente representadas, as fíbulas de dupla mola mas também as de arco multi-curvilíneo e sem mola (Ponte, 2006, p. 92 – fig. 18 e p. 96- fig. 18).

É um facto assente a antiguidade destes contactos nestes momentos finais da Idade do Bronze nesta região e a progressiva presença orientalizante para Sul, para a área do estuário do Sado, opinião partilhada por outros investigadores que sobre o tema se têm debruçado (a título de exemplo: Silva, 2005). Simplesmente, na esfera de influência do povoado antigo de Santarém e no qual se incluem aquelas fíbulas anteriores à fíbula de dupla mola, haverá, porventura, que considerar a hipótese de uma produção local destes artefactos, se atendermos ao já atrás referido sobre a cronologia do Bronze Final. Por outro lado, as fíbulas de dupla mola destes sítios, a serem dos sécs. VIII-VII a.C., como Ponte mais recentemente referiu, implicaria a presença destes artefactos, nesta região específica, em momentos plenamente orientalizantes.

Tudo somado e analisado, permanecem muitas interrogações. Mas ganhem-se esperanças e estimulem-se esforços, sobretudo na busca dos sítios do interior, que ganham cartas na caracterização de um mundo rural dinamizado pela exploração dos recursos naturais

postos à sua disposição, desses povos indígenas que não são meramente receptores de estímulos forâneos, antes os readaptam, e deles são participativos, em menor ou maior grau. Em busca de inspirações, citemos o caso do que sucedeu depois dos anos 80 do século passado na região da Cordilheira das Béticas centro-ocidentais, com a escavação e documentação de diversos sítios com ocupações entre os sécs. VIII e VI a.C. (García Alfonso, 2000).

Atendendo à relevância do núcleo pré-romano de Serpa, os dados da ocupação sidérica de Torre Velha 3, sítio localizado a escassos quilómetros a Este, não são de desconsiderar na caracterização de uma Idade do Ferro interior ainda tão necessitada de provas seguras, a nível da cronologia e da funcionalidade dos sítios arqueológicos.

Nos últimos tempos, os recentemente desenvolvidos projectos de minimização patrimonial, em boa parte aqueles que se relacionam com a actual fase de construção do Empreendimento de Alqueva, muita e boa informação têm fornecido. Assim haja vontade e meios para o estudo aturado e aprofundado dos seus sítios e materiais.

TORRE VELHA 3 (SERPA): UM NOVO PONTO NO MAPA DA IDADE DO FERRO DO SUDOESTE

Sítio	Artefacto (tipo de fibula) +	Tipo de Sítio	Localização	Cronologia dos artefactos	Referência bibliográfica
Alcáçova de Santarém	<i>Pithos</i>	Povoado urbano	Margem direita do Baixo Tejo (Santarém)	Finais do séc. VIII - 1ª Metade do séc. VII e séc. VI a.C.	Arruda (1999-2000); Vilaça e Arruda (2004)
Casal de Vila Chã Norte	3-B	Povoado	Amadora	Sécs. VI-V a.C. (podendo ir até ao séc. IV a.C.)	Ponte (1982-1983); Miranda <i>et al.</i> (1999)
Sé de Lisboa	<i>Pithos</i>	Povoado	Margem direita do Baixo Tejo /Estuário do Tejo (Lisboa)	Séc. VI a.C.	Arruda (1999-2000; 2005 a; 2005 b); Vilaça e Arruda (2004)
Quinta do Marcelo	3-A	Povoado	Estuário do Tejo /margem esquerda do Tejo (Almada)	Bronze Final	Barros (1998); Vilaça e Arruda, (2004); Arruda (2008 b)
Quinta do Almaraz	3-A (e 3B?) + <i>pithos</i>	Povoado	Estuário do Tejo / margem esquerda do Tejo (Almada)	Bronze Final e 1ª Idade do Ferro	Barros <i>et al.</i> (1993); Vilaça e Arruda (2004); Arruda (2008b)
Travessa dos Apóstolos (Setúbal)	<i>Pithos</i>	Povoado	Baixo Sado / Estuário do Sado (Setúbal)	Sécs. VII-VI a.C. (Fase III: camadas 9 e 10)	Soares e Silva (1986); Mayet e Silva (1993), Arruda (1999-2000)
Abul A	3-B + <i>pithos</i>	Povoado/feitoria	Baixo Sado	2ª Metade do séc. VII- inícios do séc. VI a.C.	Mayet e Silva (2000), Silva (2005)
Abul B	<i>Pithos</i>	Santuário	Baixo Sado /Estuário do Sado (Setúbal)	Sécs. VI-V a.C.	Mayet e Silva (2000; 2001)
Olival do Senhor dos Mártires	3-B	Necrópole	Estuário do Sado (Alcácer do Sal)	2ª Metade do séc. VII a.C. - 1º terço do séc. VI a.C.	Arruda (1999-2000; 2004); Torres Ortiz (1999); Ponte (1985b; 2006)
Castelo de Alcácer do Sal	<i>Pithos</i>	Povoado	Estuário do Sado/ Baixo Sado (Setúbal)	Sécs. VII-VI a.C. (Fase III: camadas 9 e 10)	Silva <i>et al.</i> (1980-1981); Mayet e Silva (1993); Silva (2005)
São Gens	<i>Pithos</i>	Povoado	Cume da Serra d' Ossa, Alentejo Central	2ª Metade do séc. VII a.C.	Mataloto (2004)
Cabeça de Vaiamonte	3-A	Povoado	Alto Alentejo (Monforte)	Sécs. IX-VIII-VII - a.C. (Ponte, 1985 a; 2006) /séc. VI a.C. (Fabião, 1998)	Ponte (1985a; 2006); Fabião, 1996; 1998
Torre de Palma	3-B	Necrópole	Alto Alentejo (Monforte)	Finais do séc. VII - início do séc. V a.C.	Mataloto <i>et al.</i> (2008)
Moinho da Cinza 1	<i>Pithos</i>	Povoado	Margem direita do Guadiana (Alentejo Central)	Séc. VII a.C. /séc. VI a.C	Calado <i>et al.</i> (2007); Arruda (2005 b)
Castelo de Arraiolos	3-A	Povoado	Alentejo Central (Arraiolos)	Bronze Final / Sécs. IX-VIII-VII – VI – V a.C.	Marques e M. de Andrade (1974); Ponte (1985a; 2006); Arruda (2008 a)
Corôa do Frade	3-A	Povoado	Alentejo Central (Évora)	Bronze Final / Sécs. IX-VIII-VII - a.C.	Arnaud (1979; 1995); Ponte (1985 a, 2006)
"Castro" da Azougada	<i>Pithos</i>	Santuário	Margem esquerda do Médio Guadiana (Moura)	2ª Metade do séc. VI a.C.	Antunes (2009)
Castro dos Ratinhos	3-A + formas análogas <i>apithoi</i>	Povoado	Margem esquerda do Médio Guadiana (Moura)	2ª Metade do séc. VIII a.C. (Fase 1-a)	Berrocal-Rangel e Silva (2010)
Torre Velha 3	3-A + <i>pithos</i>	Indeterminado	Margem esquerda do Médio Guadiana (Serpa)	2ª Metade do séc. VII a.C.	Alves <i>et al.</i> (2009)
Fernão Vaz	<i>Pithos</i>	Povoado (outras interpretações)	Baixo Alentejo (Ourique)	Finais séc. VIII- 3º quartel do VI; séc. VI	Beirão e Correia (1993); Arruda (2001)
Tavira	<i>Pithos</i>	Povoado urbano	Foz do Gilão, Algarve litoral	Séc. VII a.C.	Maia (2000)
Castelo de Castro Marim	<i>Pithos</i>	Povoado urbano	Foz do Guadiana, Algarve litoral	2ª Metade do séc. VII a.C.	Arruda (2003; 2005 a)
El Risco de Sierra de Fuentes	3-A	Povoado	Alta Extremadura (Cáceres)	I Idade do Ferro	Martín Bravo (1999)
Talavera la Vieja	3-A	Necrópole	Margem esquerda do Tejo Médio, Extremadura (Cáceres)	Finais do séc. VII a princípios do séc. VI a.C.	Jiménez Ávila (2006)
Cerro de San Cristóbal	3-A + <i>pithos</i>	Necrópole	Margem direita do Guadiana Alto / Baixa Extremadura (Badajoz)	Séc. VII-VI a.C.	Almagro- Gorbea (1977); Enríquez Navascués (1991)
Medellín	3-A + <i>pithos</i>	Necrópole	Margem esquerda do Guadiana Alto /Baixa Extremadura (Badajoz)	675-650 / 625-575 a.C. (Fase I)	Torres Ortiz (1999; 2008b; 2008b)
Gargáligas	3-A	Necrópole	Margem esquerda do Guadiana Alto /Baixa Extremadura (Badajoz)	Passagem do séc. VII ao séc. VI a.C.	Torres Ortiz (1999)

V ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO SUDOESTE PENINSULAR

Los Tercios	3-A	Necrópole	Margem esquerda do Guadiana Alto / Baixa Extremadura (Badajoz)	Desconhecida (Idade do Ferro)	Torres Ortiz (1999)
El Palomar	3-A	Povoado na planície	Guadiana Médio / Baixa Extremadura (Badajoz)	Finais do séc. VII a finais do séc. VI a.C.	Rovira et al. (2005); Jiménez Ávila e Ortega Blanco (2008)
Aljucén	3-A (+ pithos?)	Necrópole	Baixa Extremadura (Mérida)	Finais do séc. VII a.C.	Enríquez Navascués (1991)
Las Cumbres	3-A	Necrópole	Baía gaditana (Cádis)	Séc. VIII a.C.	Ruiz Mata e Pérez (1989); Torres Ortiz (1999)
Cruz del Negro	3-A + pithos	Necrópole	Margem direita do Baixo Guadalquivir, Andaluzia Ocidental (Sevilha)	Sécs. VIII-VII a.C.	Torres Ortiz (1999)
El Carambolo	3-B	Povoado com depósito/tesouro	Margem direita do Baixo Guadalquivir, Andaluzia Ocidental (Sevilha)	Sécs. VIII-VI a.C.	Fernández Flores e Rodriguez Azogue (2005)
Carmona	3-A + pithos	Povoado urbano (com santuário)	Baixo Guadalquivir / Andaluzia Ocidental. (Sevilha)	sécs. VII- VI a.C.	Belén et al. (1997; 2004); Albuquerque (2005)
Setefilla	3-A	Necrópole	Margem direita do Médio Guadalquivir, Alta Andaluzia Ocidental (Sevilha)	Sécs. VIII-VII a.C.	Torres Ortiz (1999)
Colina de los Quemados	3-A	Povoado	Margem direita do Alto Guadalquivir, Alta Andaluzia Central (Córdoba)	I Idade do Ferro	Murillo Redondo (1989)
Mesa de Setefilla	3-A	Povoado/feitoria	Margem direita Médio Guadalquivir, Alta Andaluzia Ocidental (Sevilha)	Finais séc. VII – 1ª metade do séc. VI a.C.	Aubet Semmler (1989)
Castillo de Doña Blanca	Pithos	Feitoria	Baía Gaditana (Cádis)	Séc. VIII-VII a.C.	Ruiz Mata (1999)
Cerro del Prado	Pithos	Povoado	Foz do rio Guadarranque, baía gaditana (Cádis)	Sécs. VII-VI a.C. até ao séc. V a.C.	Rouillard (1978); Torres Ortiz, (2008b)
Cerrillo Blanco	3-A	Necrópole	Margem direita Alto Guadalquivir, Alta Andaluzia Oriental (Jaén)	Sécs. VII-VI a.C.	Chapa et al. (2009)
Castellones de Ceal	3-A	Nécropole	Margem esquerda do Alto Guadalquivir, Alta Andaluzia Oriental (Jaén)	Séc. VII a.C. - séc. V a.C.	Chapa Brunet et al. (1998)
Cerro de los Infantes	3-B	Povoado	Alta Andaluzia Oriental (Granada)	Séc. VI a.C?	Mederos Martín e Ruiz Cabrero (2002)
Cerro de la Mora	3-A	Povoado	Alta Andaluzia Oriental (Granada)	Séc. VI a.C.	Pastor Muñoz et al. (1988)
Trayamar	3-A	Necrópole	Costa da Baixa Andaluzia Oriental (Málaga)	Séc. VII a.C.	Schubart e Niemeyer (1976); Argente Oliver (1994)
Frigiliana	3-A	Necrópole	Costa da Baixa Andaluzia Oriental (Málaga)	Sécs. VII- VI a.C.	Schubart (1982)
Las Chorreras	3-A + pithos	Feitoria	Costa da Baixa Andaluzia Oriental (Málaga)	2ª Metade do séc. VIII- inícios do séc. VII a.C.	Aubet et al. (1979); Schubart (2006)
Cortijo de las Sombras	3-A	Necrópole	Costa de Málaga, Baixa Andaluzia Oriental	Séc. VII a.C.	Torres Ortiz (1999)
Morro de Mezquitilla	3-A + pithos	Feitoria	Costa da Baixa Andaluzia Oriental (Málaga)	Meados e 2ª metade do séc. VIII a.C. - séc. VII a.C; Finais séc. IX a.C.	Mansel (2000); Schubart (2006)
Cerro del Villar	Pithos	Feitoria com fornos	Costa da Baixa Andaluzia Oriental /Foz do Guadalhorce (Málaga)	Sécs. VIII-VI a.C.	Lavado, (1999); Aubet (1999), Curià et al. (1999)
Cortijos de Montañez	Pithos	Necrópole	Costa da Baixa Andaluzia Oriental/Foz do Guadalhorce (Málaga)	Séc. VII- inícios do séc. VI a.C.	Aubet et al. (1999)
San Agustín de Málaga	Pithos	Povoado urbano	Costa da Baixa Andaluzia Oriental (Málaga)	1ª Metade do séc. VI a.C.	Recio Ruiz (1986-1987)
Jardín	Pithos	Necrópole	Costa da Baixa Andaluzia Oriental (Málaga)	Sécs. VII-VI a.C.	Schubart (1982); Schubart e Maass-Lindemann (2007)
Alarcón	Pithos	Povoado	Costa da Baixa Andaluzia Oriental (Málaga)	2ª Metade do séc. VIII a finais do séc. VII a.C. (Fase I)	Schubart, 1982; 2002; Schubart e Maass-Lindemann, 2007
Toscanos	Pithos	Feitoria	Costa da Baixa Andaluzia Oriental (Málaga)	Séc. VIII - 3º quartel do séc. VII a.C.	Schubart (1982; 2002); Schubart e Maass-Lindemann (1984; 2007); Martín Ruiz (2004)

Quadro - síntese dos sítios do Sudoeste peninsular com fíbulas de dupla mola dos tipos 3-A e 3-B de Ponte e com pithoi

AGRADECIMENTOS

Foram algumas as pessoas que se disponibilizaram a conceder os seus conhecimentos e um pouco do seu tempo e que nos auxiliaram no momento de preparação deste artigo.

Queremos agradecer à Professora Doutora Ana Margarida Arruda, pela amabilidade que demonstrou no fornecimento de bibliografia, que resultou em boa medida no preenchimento de alguns pontos no mapa dos *pithoi* e no mapa das fibulas de dupla mola e pela análise pronta e segura que fez daquele recipiente cerâmico de Torre Velha 3.

Ao João Miguez, pela ajuda preciosa na classificação da fibula de dupla mola de Torre Velha 3, por todas as

dúvidas que conseguiu esclarecer e por proporcionar alguma bibliografia de difícil acesso nas bibliotecas portuguesas da especialidade.

Ao Rui Mataloto, agradecemos a informação que forneceu sobre a fibula de dupla mola do Castelo de Arraiolos e ao Pedro Barros, pela disponibilização dos artigos da sua autoria que se encontram no prelo e pela informação prestada sobre Mértola. À Ana Sofia Antunes, Manuela de Deus, António Monge Soares, Filipe Santos, Luís Arêz, Joke Dewulf, Lídia Baptista e Lurdes Oliveira, agradecemos a cedência antecipada do seu artigo.

Todos, porém, estão isentos de responsabilidade nos erros ou omissões nas linhas atrás escritas.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV (2002) - *Contributos para a identificação e caracterização da Paisagem em Portugal Continental – Grupos de unidades de paisagem – Alentejo Central a Algarve*, Colecção Estudos 10. Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano. Vol. V.
- ALBUQUERQUE, P. A. (2005) – Contribuição para a interpretação sobre possíveis significados dos *pithoi* nos estabelecimentos orientais e “orientalizantes” do actual território português. In CELESTINO PÉREZ, S. e JIMÉNEZ ÁVILA, J. (eds.) - *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Anejos de Archivo Español de Arqueología XXXV. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC). Vol. II, p. 919- 929.
- ALMAGRO-GORBEA, M. (1977) – *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*. Valencia: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC). Biblioteca Praehistorica Hispana 14.
- ALMEIDA, S; SILVA, R. C. da e OSÓRIO, A. (2010) – O povoado de S. Pedro de Arraiolos (Évora). Expressões da cultura artefactual. In PÉREZ MACÍAS, J. A. e ROMERO BOMBA, E. (coord.) – *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Huelva, 2009*. Huelva: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Huelva. P. 592-605.
- ALVES, C; COSTEIRA, C; ESTRELA; PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (2009) – *Torre Velha 3. Relatório Final (Segunda Fase). Minimização de Impactes sobre o Património Cultural Decorrente da Construção da Barragem da Laje (Serpa)*. [policopiado].
- ALVES, C, COSTEIRA, C; ESTRELA, S; PORFÍRIO, E; SERRA, M; SOARES, A. M. M. e MORENO-GARCÍA, M. (2010) - Hipogeus funerários do Bronze Pleno da Torre Velha 3 (Serpa, Portugal). O Sudeste no Sudoeste?!*Zephyrus. Revista de Prehistoria y Arqueología*. Salamanca: Universidad de Salamanca. LXVI, p. 133-153.
- ALVES, C; COSTEIRA, C; ESTRELA; PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (no prelo a) – Análise preliminar dos contextos da Antiguidade Tardia do sítio Torre Velha 3 (Barragem da Laje, Serpa). *IV Colóquio de Arqueología de Alqueva*.
- ALVES, C; COSTEIRA, C; ESTRELA; PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (no prelo b) – Caracterização preliminar da ocupação pré-histórica da Torre Velha 3 (Barragem da Laje, Serpa). *IV Colóquio de Arqueología de Alqueva*.
- AMARO, C. (1993) – Vestígios materiais orientalizantes do claustro da Sé de Lisboa. *Os Fenícios no Território Português. Estudos Orientais IV*. Lisboa: Instituto Oriental / Universidade Nova de Lisboa. P. 183-192.
- ANTUNES, A. S. T. (2009) – *Um conjunto cerâmico da Azougada. Em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da Margem Esquerda do Baixo Guadiana*. O Arqueólogo Português. Suplemento 5. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- ANTUNES, A. S; DEUS, M. de; SOARES, A. M. M; SANTOS, F; ARÊZ, L; DEWULF, J; BAPTISTA, L. e OLIVEIRA, L. (no prelo) – Povoados abertos do Bronze Final no médio Guadiana. *Sidereum Ana II*.
- ARGENTE OLIVER, J. L. (1994) - *Las Fibulas en la Edad del Hierro en la Meseta Oriental. Valoración Tipológica, Cronológica y Cultural*. Madrid: Instituto de Conservación y Restauración de Bienes Culturales. P. 66-175.
- ARNAUD, J. M. (1979) – Corôa do Frade. Fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora - escavações de 1971-1972. *Madridrer Mitteilungen*. Heidelberg: Deutsches Archäologisches Institut. Abteilung Madrid. Nº 20, p. 56-100.
- ARNAUD, J. M. (1995) – Corôa do Frade: uma fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus / Museu Nacional de Arqueologia. P. 43.

V ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO SUDOESTE PENINSULAR

- ARRUDA, A. M. (1999-2000) – Los Fenicios en Portugal: Fenicios y Mundo Indígena en el Centro Sur de Portugal (siglos VII-VI a.C.). Cuadernos de Arqueología Mediterránea 5/6. Barcelona: Laboratório de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra.
- ARRUDA, A. M. (2001) – A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo, *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 4:2, p. 207-291.
- ARRUDA, A. M. (2003) – Escavações arqueológicas no Castelo de Castro Marim. Balanço e perspectivas. *Xelb. Revista de Arqueología, Arte, Etnología e História. Actas do I Encontro de Arqueología do Algarve*. Silves: Museu Municipal de Arqueologia / Câmara Municipal de Silves. Nº 4, p. 71-88.
- ARRUDA, A. M. (2004) – Necrópoles proto-históricas do sul de Portugal: o mundo oriental e orientalizante. In GONZÁLEZ PRATS, A. (ed.) - *El Mundo Funerario. Actas del III Seminario Internacional sobre Temas Fenicios. Guardamar del Segura, 3 a 5 de Mayo de 2002*. Alicante: Instituto Alicantino de Cultura Juan Gil-Albert / Diputación Provincial de Alicante / Oficina de Ciencia y Tecnología / Universidad de Alicante. P. 457-491.
- ARRUDA, A. M. (2005 a) – Orientalizante e pós-orientalizante no Sudoeste peninsular: geografias e cronologias. In CELESTINO PÉREZ, S. e JIMÉNEZ ÁVILA, J. (eds.) - *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Anejos de Archivo Español de Arqueología XXXV. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC). Vol. I, p. 277-303.
- ARRUDA, A. M. (2005 b) – O 1º milénio a.n.e no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV, nº 23, p. 9-156.
- ARRUDA, A. M. (2008 a) - O Baixo Guadiana durante os Séculos VI e V a.n.e. In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) - *Sidereum Ana I. El Río Guadiana en Época Post-orientalizante*. Anejos de Archivo Español de Arqueología XLVI. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC). P. 307-325.
- ARRUDA, A. M. (2008 b) – Estranhos numa terra (quase) estranha: os contactos pré-coloniais no Sul do território actualmente português. In CELESTINO PÉREZ, S.; RAFAEL, N. e ARMADA, X.-L. - *Contacto Cultural entre el Mediterráneo y el Atlántico (siglos XII-VIII a.n.e): La Precolonización a Debate*. Madrid: Consejo Superior de Investigación Científica (CSIC). P. 355-370.
- ARRUDA, A. M. (2010) – Fenícios no território actualmente português: e nada ficou como antes. In DE LA BANDERA ROMERO, M. L. e FERRER ALBELDA, E. (coord.) – *El Carambolo. 50 Años de um Tesoro*. Sevilla: Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla. Serie Arqueología y Geografía, nº 166, p. 439-452.
- ARRUDA, A. M; GONÇALVES, V. S. (1995) – Produção e consumo de vinho no território actualmente português durante a Idade do Ferro (séculos VIII - IV a.C.), *Amar, Sentir, Viver a História. Estudos de Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão*. Lisboa: Colibri. P. 21-28.
- ARRUDA, A. M; VALLEJO SÁNCHEZ, J. I. e FREITAS, V. T. de (2000) – As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3:2, p. 25-59.
- AUBET, M. E. (1999) – Los materiales. In AUBET, M. E; CARMONA, P; CURIÀ, E; DELGADO, A; FERNÁNDEZ CANTOS, A. e PÁRRAGA, M. (Eds.) – *Cerro del Villar – I. El Asentamiento Fenicio en la Desembocadura del Río Guadalhorce y su Interacción con el Hinterland*. S.L: Junta de Andalucía / Consejería de Cultura. P. 86-127.
- AUBET SEMMLER, M. E. (1989) – La Mesa de Setefilla: la secuencia estratigráfica del corte 1. In AUBET SEMMLER, M. E. (intr.) – *Tartessos. Arqueología Protohistórica del Bajo Guadalquivir*. Sabadell (Barcelona): Editorial Ausa. P. 297-338.
- AUBET, M. E; MAASS LINDEMANN, G. e SCHUBART, H. (1979) – Chorreras. Un establecimiento fenicio al Este de la desembocadura del Algarrobo. *Noticiario Arqueológico Hispánico*. Madrid: Ministerio de Cultura. Dirección General del Patrimonio Artístico, Archivos y Museos. Subdirección General de Arqueología. Nº 6, p. 89-138.
- BARBOSA, R. F. M. (2010) – Caliças 4 – O último suspiro de bravos guerreiros e de suas donzelas aformoseadas. *4º Colóquio de Arqueologia de Alqueva. O Plano de Rega (2002-2010. 24, 25 e 26 de Fevereiro, Beja (EDIA). Resumos. 2ª Sessão – Proto-história*. Beja: EDIA. P. 4. [polycopiado].
- BARROS, L. (1998) – *Introdução à Pré e Proto-história de Almada*. Almada: Câmara Municipal de Almada. P. 24.
- BARROS, L; CARDOSO, J. L. e SABROSA, A. (1993) – Fenícios na margem Sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado de Almaraz – Almada. *Estudos Orientais IV. Os Fenícios no Território Português*. Lisboa: Instituto Oriental. P. 143- 181.
- BARROS, L. e SOARES, A. M. M. (2004) – Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz, no estuário do Tejo (Almada, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV, nº 22, p. 333-352.
- BARROS, P. (2008) – Mértola durante os séculos VI e V a.C. In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) - *Sidereum Ana I. El Río Guadiana en Época Post-orientalizante*. Anejos de Archivo Español de Arqueología XLVI. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC). P. 399- 414.
- BARROS, P. (no prelo a) – Mértola - plataforma comercial durante a Idade do Ferro: a coleção de Estácio da Veiga. *VI Congresso Internacional de Estudos Fenicio Púnicos. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 25 de Setembro a 1 de Outubro de 2005*. P. 126-135. [agradecemos ao Autor a cedência antecipada do artigo].
- BARROS, P. (no prelo b) – Mértola entre os séculos VI e III a.C. *Mainake*. Málaga: Servicio de Publicaciones / Centro de Ediciones de la Diputación Provincial de Málaga. Nº XXXII (I), 2010, p. 417-436. [agradecemos ao Autor a cedência antecipada do artigo].

TORRE VELHA 3 (SERPA): UM NOVO PONTO NO MAPA DA IDADE DO FERRO DO SUDOESTE

- BEIRÃO, C. M; CORREIA, V. H. (1993) – Novos dados arqueológicos sobre a área de Fernão Vaz. In MANGAS, J; ALVAR, J. (ed.) - *Homenaje a José María Blásquez*. Vol. I, p. 285-302.
- BELÉN, M; ANGLADA, R; ESCACENA, J. L; JIMÉNEZ, A; LINEROS, R. e RODRÍGUEZ, I. (1997) – *Arqueología en Carmona (Sevilla). Excavaciones en la Casa-Palacio del Marqués de Saltillo*. Colección Arqueología. Sevilla: Empresa Pública de Gestión de Programas Culturales / Junta de Andalucía /Consejería de Cultura.
- BELÉN, M; BOBILLO, A. R; GARCÍA MORILLO, M. C. e ROMÁN, J. M. (2004) – *Imaginería orientalizante en cerámica de Carmona (Sevilla)*. In FERNÁNDEZ JURADO, J; GARCÍA SANZ, C. e RUFETE TOMICO, P. (coord.) - *Actas del III Congreso Español de Antiguo Oriente Próximo. Huelva, del 30 de Septiembre al 3 de Octubre de 2003*. Huelva Arqueológica. Huelva: Diputación Provincial de Huelva. Nº 20, p. 149-170.
- BERROCAL-RANGEL, L. e SILVA, A. C. (2010) – *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num Povoado Proto-histórico do Guadiana, 2004-2007. O Arqueólogo Português*. Suplemento 6. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- CALADO, M. (2002) – Povoamento pré - e proto-histórico da margem direita do Guadiana. Blocos 2 e 8. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. IIª série, nº 11, p. 122-127.
- CALADO, M. J. M; BARRADAS, M. P. e MATALOTO, R. J. L. (1999) – Povoamento proto-histórico no Alentejo Central. *Revista de Guimarães. Volume Especial I. Actas do Congresso de Proto-história Europeia*, Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. P. 363-386.
- CALADO, M; MATALOTO, R. e ROCHA, A. (2007) - Povoamento proto-histórico na margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo, Portugal). In RODRÍGUEZ DÍAZ, A. e PAVÓN SOLDEVILLA, I. (eds.) - *Arqueología de la Tierra. Paisajes Rurales de la Protohistoria Peninsular. VI Cursos de Verano Internacionales de la Universidad de Extremadura (Castuera, 5-8 Julio 2005)*. Cáceres: Universidad de Extremadura. P. 129-179.
- CALADO, M. e ROCHA, L. (1997) – Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz. Boletim Cultural do Município. História e Património. Reguengos de Monsaraz*: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz. Nº 1, p. 99-133.
- CHAPA, T; VALLEJO, I; BELÉN, M. e MARTÍNEZ-NAVARRETE, M. I. (2009) – El trabajo de los escultores ibéricos: un ejemplo de Porcuna (Jaén). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC). Vol. 66, nº 1, p. 161-173.
- CHAPA BRUNET, T; PEREIRA SIESO, J; MADRIGAL BELINCHÓN, A. e MAYORAL HERRERA, V. (1998) – *La Necrópolis Ibérica de Los Castellones de Ceal (Hinojares, Jaén)*. Colección Arqueología. Jaén: Junta de Andalucía / Consejería de Cultura. Empresa Pública de Gestión de Programas Culturales / Universidad de Jaén.
- CORREIA, V. (1972) – As fíbulas da necrópole de Alcácer do Sal. *Obras. Estudos Arqueológicos*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Vol. IV. P. 181-186. [Edição fac-similada de Biblos, 6 /7-8), 1930, p. 504-509].
- CORREIA, V. H. (1988) - Um punhal do Bronze Final, de Arraiolos. *Arqueología*. Porto: GEAP. Nº 17, p. 201- 203.
- CORREIA, V. H. (1993) – As necrópoles da Idade do Ferro do Sul de Portugal: Arquitectura e rituais. *I Congresso de Arqueología Peninsular. Porto, 12-18 de Outubro de 1993*. Trabalhos de Antropologia e Etnologia XXXIII. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Fasc. 3-4 – Vol. II, p. 351-370.
- CURIÀ, E; DELGADO, A; FERNÁNDEZ, A. e PÁRRAGA, M. (1999) – La cerámica fenicia a torno. In AUBET, M. E; CARMONA, P; CURIÀ, E; DELGADO, A; FERNÁNDEZ CANTOS, A. e PÁRRAGA, M. (eds.) – *Cerro del Villar – I. El Asentamiento Fenicio en la Desembocadura del Río Guadalhorce y su Interacción con el Hinterland*. S.L: Junta de Andalucía / Consejería de Cultura. P. 157-277.
- ENDOVELICO:<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/arqueologico-endovelico/>
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, J. J. (1991) – Los restos de la necrópolis de la desembocadura del río Aljucén dentro del contexto orientalizante extremeño. *Extremadura Arqueológica*. Cáceres. II, p. 175-183.
- ESCACENA CARRASCO, J. L. (1995) – La etapa precolonial de Tartessos. Reflexiones sobre el “Bronce” que nunca existió. *Actas del Congreso Conmemorativo del V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular Tartessos, 25 Años Despues. 1968-1993. Jerez de la Frontera*. Jerez de la Frontera: Ayuntamiento de Jerez. BUC 14. P. 179-214.
- ESTRELA, S. (2010) – *Os Níveis Fundacionais da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Os Contextos Arqueológicos na (Re) Construção do Povoado*. Dissertação de Mestrado orientada pelo Professor Doutor Carlos Fabião. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa.
- FABIÃO, C. (1996) – O povoado fortificado da Cabeça de Viamonte (Monforte). *A Cidade*. Lisboa: Edições Colibri. Nova Série nº 11, p. 31-80.
- FABIÃO, C. (1998) – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Céltica do Território Hoje Português*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 Vols. [policopiado].
- FABIÃO, C. (2001) – Importações de origem mediterrânea no interior do sudoeste peninsular na segunda metade do I milénio a. C: materiais de Cabeça de Viamonte, Monforte. *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do Colóquio Internacional Realizado na Universidade Aberta, Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000*. Lisboa: Universidade Aberta. P. 197- 227.
- FERREIRA, M. T. (2009) – *Torre Velha 3 (Barragem da Laje, Serpa). Relatório dos Trabalhos de Antropologia Biológica Desenvolvidos no Âmbito da Minimização de Impactes no Sítio da Torre Velha 3*. [Policopiado].

V ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DO SUDOESTE PENINSULAR

- FERNÁNDEZ FLORES, A. e RODRÍGUEZ AZOGUE, A. (2005) – El complejo monumental del Carambolo Alto, Camas (Sevilla). Un santuario orientalizante en la paleodesembocadura del Guadalquivir. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC). Vol. 62, nº 1, p. 111-138.
- FIGUEIREDO, M. e GODINHO, R. (2010) – Poço da Gontinha 1 (Ferreira do Alentejo): resultados preliminares. *4º Colóquio de Arqueologia de Alqueva. O Plano de Rega (2002-2010. 24, 25 e 26 de Fevereiro, Beja (EDIA). Resumos. 2ª Sessão – Protohistória. Beja: EDIA. P. 7.* [policopiado].
- GARCÍA ALFONSO, E. (2000) – La colonización fenicia arcaica y el mundo indígena de la Andalucía mediterránea y su transpaís. Una propuesta de análisis. In AUBET, M. E. e BARTHÉLEMY, M. (ed.) – *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz, 2 al 6 de Octubre de 1995. Cádiz: Servicio de Publicaciones Universidad de Cádiz. Vol. IV, p. 1799-1804.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2002) – *La Toréutica Orientalizante en la Península Ibérica*. Biblioteca Archaeologica Hispana 16. Madrid: Real Academia de la Historia.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2002-2003) – Estructuras tumulares en el suroeste ibérico. En torno al fenómeno tumular en la protohistoria peninsular. *Homenaje a Encarnación Ruiz Ruiz. Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*. Madrid: Asociación Española de Amigos de la Arqueología. Nº 42, p. 81-118.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2006) – Los objetos de bronce y hierro. In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (Ed.) – *El Conjunto Orientalizante de Talavera La Vieja (Cáceres)*. Memorias 5. Cáceres: Museo de Cáceres. P. 89-108.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. e ORTEGA BLANCO, J. (2008) – El poblamiento en llano del Guadiana Medio durante el período post-orientalizante. In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) - *Sidereum Ana I. El Río Guadiana en Época Post-orientalizante*. Anejos de Archivo Español de Arqueología XLVI. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC). P. 251-281.
- LAVADO, M. L. (1999) – La cerámica del horno del estrato II. In AUBET, M. E.; CARMONA, P; CURIÀ, E; DELGADO, A; FERNÁNDEZ CANTOS, A. e PÁRRAGA, M. (eds.) – *Cerro del Villar – I. El Asentamiento Fenicio en la Desembocadura del Río Guadalhorce y su Interacción con el Hinterland*. S.L: Junta de Andalucía / Consejería de Cultura. P. 128- 136.
- LOPES, M. C; CARVALHO, P. C. e GOMES, S. M. (1997) – *Arqueología do Concelho de Serpa*. Serpa: Câmara Municipal de Serpa.
- MAIA, M. G. P. (2000) - Tavira fenicia. O território para oeste do Guadiana, nos inícios do I milénio a.C. In GONZÁLEZ PRATS, A. (ed.) - *Fenicios y Territorio. Actas del II Seminario Internacional sobre Temas Fenicios. Guardamar del Segura, 9-11 de Abril de 1999*. Alicante: Instituto Alicantino de Cultura Juan Gil-Albert / Diputación Provincial de Alicante / Direcció General d' Ensenyaments Universitaris i Investigació. P. 121-150.
- MANSEL, K. (2000) – Los hallazgos de metal procedentes del horizonte fenicio más antiguo B1 de Morro de Mezquitilla (Algarrobo, Málaga). In AUBET, M. E. e BARTHÉLEMY, M. (ed.) – *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*. Cádiz, 2 al 6 de Octubre de 1995. Cádiz: Servicio de Publicaciones Universidad de Cádiz. Vol. IV, p. 1601-1614.
- MARQUES, G. e ANDRADE, A. M. de (1974) – Aspectos da protohistória do território português. 1- Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueología*. Porto: Ministério da Educação Nacional. Junta Nacional de Educação. Vol. I, p. 125-148.
- MARTÍN BRAVO, A. M. (1999) – *Los orígenes de Lusitania. El I milenio a.C. en la Alta Extremadura*. Biblioteca Archaeologica Hispana 2. Madrid: Real Academia de la Historia.
- MARTÍN RUIZ, J. A. (2004)- *Los Fenicios en Andalucía*. Sevilla: Junta de Andalucía. Consejería de Cultura.
- MATALOTO, R. (2004) – Meio Mundo: o início da Idade do ferro no cume da Serra d' Ossa (Redondo, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueología*. Lisboa: Instituto Português de Arqueología. 7: 2, p. 139-173.
- MATALOTO, R. (2005) – Em busca do Mediterrâneo: a Idade do Ferro no Alentejo Central (Portugal). In CELESTINO PÉREZ, S. e JIMÉNEZ ÁVILA, J. (eds.) - *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Anejos de Archivo Español de Arqueología XXXV. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC). Vol. II, p. 955-966.
- MATALOTO, R; Langley, M. e BOAVENTURA, R. (2008) – A necrópole sidérica de Torre de Palma (Monforte, Portugal). In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.) - *Sidereum Ana I. El Río Guadiana en Época Post-orientalizante*. Anejos de Archivo Español de Arqueología XLVI. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC). P. 283-303.
- MAYET, F. e SILVA, C. T. da (1993) – Presença fenícia no Baixo Sado. *Estudos Orientais IV. Os Fenícios no Território Português*. Lisboa: Instituto Oriental. P. 127-142.
- MAYET, F. e SILVA, C. T. da (1994) – L'établissement phénicien d'Abul (Portugal). *Comptes-Rendus des Séances de l'année 1994, Janvier-Mars, de l'Académie des Inscriptions & Belles-Lettres*. Paris : Diffusion de Boccard. P. 171-188.
- MAYET, F. e SILVA, C. T. da (2000), *Le site phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et Sanctuaire*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- MAYET, F. e SILVA, C. T. da (2001) – O santuário de Abul B - uma presença púnica no Baixo Sado? *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do Colóquio Internacional Realizado na Universidade Aberta, Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000*. Lisboa: Universidade Aberta. P. 173-195.
- MEDEROS MARTÍN, A. e RUIZ CABRERO, L. (2002) – La fundación de Sexi-Laurita (Almuñécar, Granada) y los inicios de la penetración fenicia en la Vega de Granada. *SPAL. Revista de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Sevilla*. Sevilla: Universidad de Sevilla. Nº 11, p. 41-68.

TORRE VELHA 3 (SERPA): UM NOVO PONTO NO MAPA DA IDADE DO FERRO DO SUDOESTE

- MIGUEZ, J. N. M. S. (2010) – *As fibulas do Sudoeste da Península Ibérica Enquanto Marcadores Étnicos: o Caso de Mesas do Castelinho*. Dissertação de Mestrado, orientada pelo Professor Doutor Carlos Fabião. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa. 2 Vols. [policopiado].
- MIRANDA, J. A; ENCARNAÇÃO, G; VIEGAS, J. C; ROCHA, E. e GONZALEZ, A. (1999) – *Carta Arqueológica da Amadora. Do Paleolítico ao Romano*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora / Museu Municipal de Arqueologia.
- MURILLO REDONDO, J. F. (1989) – Cerámicas tartesicas con decoración orientalizante. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid. Nº 16, p. 149-167.
- OLIVEIRA, J. T. (ed. lit.) (1989) – *Carta Geológica de Portugal – escala 1:200 000, Notícia explicativa da folha 8*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- PAÇO, A. do (1967) – Castelo de Arraiolos. Separata do *Boletim da Junta Distrital de Évora*, nº 6. Évora: Junta Distrital de Évora.
- PASTOR MUÑOZ, M; CARRASCO RUS, J. e PANCHÓN ROMERO, J. A. (1988) – Protohistoria de la Cuenca del Genil: el yacimiento arqueológico “Cerro de La Mora” (Moreleda de Zafayona, Granada). *Homenaje a Marcelo Vigil (II)*. *Studia Histórica. Historia Antigua*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca. Nº 6, p. 37-52.
- PEREIRA, T. R. V. M. (2008) – *Os Artefactos Metálicos do Castelo de Castro Marim na Idade do Ferro e em Época Romana. Metalurgia em Transição: a Amostra numa Análise de Conjunto*. Mestrado em Pré-história e Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa. 2 Vols. [policopiado].
- PONTE, S. da (1982-1983) – Algumas fibulas dos concelhos de Sintra, Cascais, Amadora e Alenquer. *Sintria*. Sintra: Gabinete de Estudos de Arqueologia, Arte e Etnografia. Museu Regional de Sintra – Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. Nº I-II (tomo 1), p. 107-117.
- PONTE, S. da (1985 a) - Fibulas de Vaiamonte. *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas (Lisboa, 5-8 Noviembre 1980)*: Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, p. 137-158.
- PONTE, S. da (1985 b) - Algumas fibulas de Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV, nº 33, p. 137-154.
- PONTE, S. da (1986) – Valor residual de seis fibulas da região de Beja – dimensão arqueológica e significado sócio-cultural. *1º Encontro de Arqueologia da Região de Beja. Beja, 17-18-19 Janeiro 86*. Beja: Câmara Municipal de Beja. Arquivo de Beja. 2ª Série, vol. III, p. 75 - 87.
- PONTE, S. (2004) – Retrospectiva sobre fibulas proto-históricas e romanas de Portugal. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. Nº 43, p. 199-213.
- PONTE, M. S. (2006) – *Corpus Signorum das Fibulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*. Coimbra: Caleidoscópio.
- QUEIROZ, P. F; MATEUS, J. E; VAN LEEWAARDEN, W; PEREIRA, T. e DISE, D. P. (2006) – *Castro Marim e o seu território imediato durante a antiguidade. Paleo-ethnobotânica. Relatório Final. Projecto MARCAS POCTI/388334/HAR/2001. Trabalhos do CIPA*. 95. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia/ Centro de Investigação em Paleoecologia Humana e Arqueociências.[policopiado].
- RECIO RUIZ, A. (1986-1987) – Arqueología urbana en Málaga. Informe preliminar sobre el sondeo de San Agustín. *Mainake*. Málaga: Servicio de Publicaciones / Diputación Provincial de Málaga. Nº s VIII-IX, p. 129-144.
- ROUILLARD, P. (1978) – Brève note sur le Cerro del Prado, site phénicien de l'Ouest, à l'embouchure du Rio Guadarranque (San Roque – Cádiz). *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg : Deutsches Archäologisches Institut. Abteilung Madrid. Nº 19, p. 152-160.
- ROVIRA, S; MONTERO, I; ORTEGA, J. e JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2005) – Bronce y trabajo del bronce en el poblado de El Palomar (Oliva de Mérida, Badajoz). In CELESTINO PÉREZ, S. e JIMÉNEZ ÁVILA, J. (eds.) – *El Período Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida*. Anejos de Archivo Español de Arqueología. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC). Vol. 2, p. 1231-1240.
- RUIZ DELGADO, M. M. (1989) - *Fibulas Protohistóricas en el Sur de la península Ibérica*. Sevilla: Publicaciones de la Universidad de Sevilla. Serie Filosofía y Letras 112.
- RUIZ MATA, D. (1999) – The Phoenicians of the archaic epoch (8th-7th centuries B.C.) in the Bay of Cádiz (Spain). *Cádiz e Castillo de Doña Blanca. Isimu. Revista sobre Oriente Próximo y Egipto en la Antigüedad*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid. Nº 2, p. 469-508.
- RUIZ MATA, D. e PÉREZ, C. (1989) – El túmulo I de la necrópolis de “Las Cumbres” (Puerto de Santa María, Cádiz). In AUBET SEMMLER, M. E. (intr.) – *Tartessos. Arqueología Protohistórica del Bajo Guadalquivir*. Sabadell (Barcelona): Editorial Ausa. P. 287-295.
- SANTOS, F. J; TAMISSA ANTUNES, A. S; GRILLO, C. e DEUS, M. de (2010) – A necrópole da I Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção arqueológica de emergência no Baixo-Alentejo. In PÉREZ MACÍAS, J. A. e ROMERO BOMBA, E. (coord.) – *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva, 2009. Huelva: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Huelva. P. 746-804.
- SCHUBART, H. (1982) – Asentamientos fenicios en la costa meridional de la Península Ibérica. *Huelva Arqueológica*. Huelva: Diputación Provincial de Huelva. Nº 6, p. 71-99.
- SCHUBART, H. (2002) – *Toscanos y Alarcón. El Asentamiento Fenicio en la Desembocadura del Río de Vélez*. Excavaciones de 1967-1984. Cuadernos de Arqueología Mediterránea 8. Barcelona: Publicaciones del Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra.

- SCHUBART, H. (2006) – *Morro de Mezquitilla. El Asentamiento Fenicio-púnico en la Desembocadura del Río Algarrobo.* Anejos de la Revista Mainake 1. Málaga: Servicio de Publicaciones /Centro de Ediciones de la Diputación de Málaga.
- SCHUBART, H. e MAASS-LINDEMANN, G. (1984) – Toscanos. El asentamiento fenicio occidental en la desembocadura del río de Vélez. Excavaciones de 1971. Separata de *Noticiario Arqueológico Hispánico*. Madrid: Ministerio de Cultura. Dirección General de Bellas Artes y Archivos. Subdirección General de Arqueología y Etnografía. Nº 18, p. 41-204.
- SCHUBART, H. e MAASS-LINDEMANN, G. (2007) – Toscanos. *Die Phönizische Niederlassung in der Mündung des Rio Vélez. Grabungskampagnen in der Siedlung von Toscanos (1967 und 1978), an den Befestigungen des Alarcón (1967, 1971 und 1984) und in der Nekropole Jardín (1967-1976).* Berlin: Walter de Gruyter & Co. Madrider Forschungen. Deutsches Archäologisches Institut. Abteilung Madrid. Nº 6, vol. 2.
- SCHUBART, H. e NIEMEYER, H. G. (1976) – Trayamar. Los hipogeos fenicios y el asentamiento en la desembocadura del río Algarrobo. *Excavaciones Arqueológicas en España.* Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia. Dirección General del Patrimonio Artístico y Cultural. Comisaría Nacional del Patrimonio Artístico. Nº 90.
- SERRA, M; PORFÍRIO, E. e ORTIZ, R. (2008) – O Bronze Final no Sul de Portugal – Um ponto de partida para o estudo no povoado do Outeiro do Circo. *Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. Aljustrel, 26 a 28 de Outubro de 2006. Vipasca. Arqueología e História.* Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. 2ª Série, nº 2, p. 157-164.
- SILVA, C. T. da (2005) – A presença fenícia e o processo de orientalização nos estuários do Tejo e Sado. In CELESTINO PÉREZ, S. e JIMÉNEZ ÁVILA, J. (eds.) - *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental.* Anejos de Archivo Español de Arqueología XXXV. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC). Vol. II, p. 749-765.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J; BEIRÃO, C. M; DIAS, C. F. e COELHO-SOARES, A. (1980-1981) – Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica.* Setúbal: Assembleia Distrital de Setúbal. Nº VI-VII, p. 149-218.
- SOARES, A. M. M. (2005) – Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. *Revista Portuguesa de Arqueologia.* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 8:1, p. 111-145.
- SOARES, A. M. M; ANTUNES, A. S. T; QUEIROZ, P. F; DEUS, M. de; SOARES, R. M. G. M; VALÉRIO, P. (2010) – A ocupação sidérica do Passo Alto (Vila Verde de Ficalho). In PÉREZ MACÍAS, J. A. e ROMERO BOMBA, E. (coord.) – *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Huelva, 2009.* Huelva: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Huelva. P. 544-575.
- SOARES, J. e SILVA, C. T. da (1986) – Ocupação pré-romana de Setúbal: escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal, Maio de 1985), Lisboa: IPPC. Trabalhos de Arqueologia 3, p. 87-101.
- STORCH DE GRACÍA Y ASENSIO, J. J. (1989) – *La Fibula en la Hispania Antigua: Las Fibulas Protohistóricas del Suroeste Peninsular.* Colección Tesis Doctorales nº 39/89. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense de Madrid.
- TORRES ORTIZ, M. (1999) – *Sociedad y Mundo Funerario en Tartessos.* Biblioteca Archaeologica Hispana 3. Madrid: Real Academia de la Historia.
- TORRES ORTIZ, M. (2002) - *Tartessos.* Bibliotheca Archaeologica Hispana 14. Studia Hispano – Phoenicia 1. Madrid: Real Academia de la Historia.
- TORRES ORTIZ, M. (2008 a) – Fíbulas. In ALMAGRO-GORBEA, A; LORRIO, A. e MEDEROS, A. (eds.) - *La Necrópolis de Medellín. II. Estudio de los Hallazgos.* Madrid: Real Academia de la Historia. P. 529-535.
- TORRES ORTIZ, M. (2008 b) – Urnas o *pithoi* de tipo “Loring”. In ALMAGRO-GORBEA, A; LORRIO, A. e MEDEROS, A. (eds.) - *La Necrópolis de Medellín. II. Estudio de los Hallazgos.* Madrid: Real Academia de la Historia. P. 655-657.
- VILAÇA, R. e ARRUDA, A. M. (2004) – Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro. *Conimbriga.* Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. Nº XLII, p. 11-45.